

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**LILIANE VORTOLIN**

**CORREDORES TURÍSTICOS NATURAIS NOS CENTROS URBANOS.  
ESTUDO DE CASO: RIO BELÉM (CURITIBA – PR)**

**CURITIBA**

**2009**

# TERMO DE APROVAÇÃO

LILIANE VORTOLIN

## CORREDORES TURÍSTICOS NATURAIS NOS CENTROS URBANOS. ESTUDO DE CASO: RIO BELÉM (CURITIBA – PR)

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* Especialização em Planejamento e Gestão do Turismo, pela seguinte banca qualificadora:

Orientador: Profº Dr. Miguel Bahl  
Departamento de Turismo – UFPR

Qualificador: Prof. Dr. Alexandre Augusto Biz  
Departamento de Turismo – UFPR

Curitiba, 20 de julho de 2009.

**CORREDORES TURÍSTICOS NATURAIS NOS CENTROS URBANOS.  
ESTUDO DE CASO: RIO BELÉM (CURITIBA – PR)**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Planejamento e Gestão de Turismo, Departamento de Turismo, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, para a obtenção de título de Especialista em Planejamento e Gestão de Turismo.

**Orientador: Prof. Dr. Miguel Bahl**

**CURITIBA**

**2009**

## RESUMO

Os rios são elementos naturais que possibilitaram a geração e a formação de várias cidades no mundo principalmente por proporcionar a sobrevivência e garantir a existência humana. As paisagens de tais cursos d'água sofrem modificações constantes devido à influência do ser humano. Porém, já se evidencia uma crescente preocupação em resgatar a paisagem ao longo dos cursos d'água e em promover a conscientização para que estes se tornem espaços públicos de valor paisagístico e ambiental, que permitam freqüência e utilização não apenas de moradores locais, mas também de visitantes e turistas, trazendo novamente o equilíbrio entre cidade e natureza. O presente trabalho tem como objetivo avaliar a ocupação em alguns trechos não canalizados ao longo do rio Belém, na cidade de Curitiba, e qual a contribuição de tais espaços no incremento da atividade turística no município. No caso do Rio Belém, na cidade de Curitiba, foi possível perceber diferentes paisagens ao longo de seu leito, desde trechos que apresentam problemas de degradação ambiental até os espaços onde constatou-se existir preocupação do poder público local com a proteção de áreas verdes e a criação de parques de lazer. Observou-se que os parques existentes na bacia do rio Belém exercem uma grande contribuição como atrativos turísticos da cidade, assim sendo, o rio pode ser considerado como um corredor turístico natural em potencial na cidade de Curitiba.

## **ABSTRACT**

The rivers were always the natural element that enabled the formation of various cities around the world, mainly to provide and guarantee survival to the human existence. The quality of such waterways constantly suffers modifications due to the influence of mankind. However, it is already evident a growing concern in the recovery of the landscape along these waterways. It is also evident the will to enable public awareness to this cause, so that these rivers could become of environmental value and of optimal visual quality as well. In the case study of Belém River in the city of Curitiba, it is possible to notice different landscapes or visual aspects of it along its course. There are sections where this river is apparently abandoned and disregarded, and there are other sections where this river shows the efforts of the public administration, such as parks and natural reserves, in order to take care of it and attribute a better aspect to it. The existing parks in the Belém River basin take part in the contribution of touristic attractions of the city; be that as it may, this river may be considered a potential touristic corridor for the city of Curitiba.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: VISTA DO RIO SENA – PARIS	39
FIGURA 2: ESPAÇOS PÚBLICOS AO LONGO DO RIO SENA EM PARIS	40
FIGURA 3: RIO SENA EM PARIS	40
FIGURA 4: VISTA AÉREA DE LONDRES	41
FIGURA 5: VISTA DO RIO TÂMISA – LONDRES	41
FIGURA 6: VISTA DO RIO TÂMISA – LONDRES	42
FIGURA 7: MARGENS DO RIO ELBA EM HAMBURGO	42
FIGURA 8: FESTA PARA O RIO ALSTER EM HAMBURGO	43
FIGURA 9: VISTA DO RIO MISSISSIPI – ESPAÇO PÚBLICO – SAINT LOUIS	43
FIGURA 10: O ARROIO FUNDO PASSANDO AO LADO DA AVENIDA AYRTON SENA SERVE APENAS PARA ESCOAR O ESGOTO DE GRANDE PARTE DE JACAREPAGUÁ PARA O COMPLEXO LAGUNAR DA BAIXADA DE JACAREPAGUÁ, ENTRE ESTE E A BARRA DA TIJUCA	45
FIGURA 11: RIO BELÉM EM CURITIBA	45
FIGURA 12: RIO TIETÊ EM SÃO PAULO	46
FIGURA 13: RIO TIETÊ EM SÃO PAULO, TOTALMENTE ENVOLVIDO POR VIAS MARGINAIS	46
FIGURA 14: VIAS MARGINAIS AO LADO DO RIO TIETÊ EM SÃO PAULO	47
FIGURA 15: VIAS MARGINAIS AO LADO DO RIO TIETÊ EM SÃO PAULO	47
FIGURA 16: VISTA DA PRAIA ARTIFICIAL NAS MARGENS DO RIO SENA PARIS PLAGE	56
FIGURA 17: POPULAÇÃO NA PRAIA ARTIFICIAL NAS MARGENS DO RIO SENA PARIS PLAGE	56
FIGURA 18: PRAIA ARTIFICIAL TAMBÉM SENDO UTILIZADA À NOITE PARIS PLAGE	57
FIGURA 19: RIO SOUTH PLATTE EM DENVER – EUA	58
FIGURA 20: JOVENS UTILIZANDO O RIO PARA ATIVIDADES ESPORTIVAS – DENVER EUA	58
FIGURA 21: CICLOVIAS AO LADO DO RIO – DENVER - EUA	58
FIGURA 22: VISTA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SÃO PAULO	59
FIGURA 23: VISTA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SÃO PAULO	60
FIGURA 24: MAPA DAS BACIAS HIDROGRÁFICAS DE CURITIBA	64
FIGURA 25: MAPA DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO BELÉM	66
FIGURA 26: POLUIÇÃO NO RIO BELÉM	68
FIGURA 27: NASCENTE DO RIO BELÉM	71
FIGURA 28: VISTA DO PARQUE SÃO LOURENÇO	71
FIGURA 29: PARQUE SÃO LOURENÇO	72
FIGURA 30: PARQUE SÃO LOURENÇO	72
FIGURA 31: BOSQUE DO PAPA	73
FIGURA 32: BOSQUE DO PAPA	73
FIGURA 33: BOSQUE DO PAPA – RIO BELÉM	73
FIGURA 34: BOSQUE DO PAPA – RIO BELÉM	73
FIGURA 35: RIO BELÉM, CICLOVIA PRÓXIMA AO CENTRO CÍVICO	73
FIGURA 36: RIO BELÉM, CICLOVIA PRÓXIMA AO CENTRO CÍVICO	73

FIGURA 37: RIO BELÉM, CICLOVIA PRÓXIMA AO CENTRO CÍVICO	74
FIGURA 38: RIO BELÉM, CICLOVIA PRÓXIMA AO CENTRO CÍVICO	74
FIGURA 39: RIO BELÉM NA AVENIDA MATEUS LEME	74
FIGURA 40: RIO BELÉM NA AVENIDA MATEUS LEME	74
FIGURA 41: RIO BELÉM NA AVENIDA CÂNDIDO DE ABREU	75
FIGURA 42: RIO BELÉM NA AVENIDA CÂNDIDO DE ABREU	75
FIGURA 43: PASSEIO PÚBLICO	75
FIGURA 44: PASSEIO PÚBLICO	75
FIGURA 45: AVENIDA MARIANO TORRES	77
FIGURA 46: RIO BELÉM – RODOVIÁRIA	77
FIGURA 47: INÍCIO DO PASSEIO PÚBLICO	78
FIGURA 48: VIADUTO DO CAPANEMA	78
FIGURA 49: INÍCIO DA VILA TORRES	78
FIGURA 50: RIO BELÉM NA VILA TORRES	78
FIGURA 51: RIO BELÉM NA VILA TORRES	78

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	7
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	10
<b>3. TURISMO E QUALIDADE AMBIENTAL</b>	14
<b>4. PAISAGEM URBANA E TURISMO</b>	20
<b>5. CIDADE x TURISMO</b>	26
5.1. TURISMO NO ESPAÇO URBANO	26
5.2. CORREDORES TURÍSTICOS	30
5.3. A PAISAGEM DOS RIOS URBANOS	33
5.4. A CONDIÇÃO CULTURAL E SEUS REFLEXOS NA QUALIDADE DA PAISAGEM	37
5.5. ACESSO E VISIBILIDADE DOS RIOS	48
5.6. REVALORIZAÇÃO DA PAISAGEM	50
<b>6. RIOS URBANOS E USOS TURÍSTICOS</b>	55
<b>7. PESQUISA EMPÍRICA</b>	61
7.1. METODOLOGIA	61
7.2. RESULTADOS / ANÁLISE DOS DADOS	62
7.2.1. Legislação Ambiental	69
7.2.2. Análise da Paisagem ao Longo do Rio Belém	70
<b>8. DISCUSSÃO</b>	80
<b>9. CONCLUSÃO</b>	86
<b>REFERÊNCIAS</b>	89

# 1. INTRODUÇÃO

A problematização do trabalho está baseada na questão da perda da relação rio x cidade e perda da referência da população x elemento natural, e como isto influencia na falta de atratividade turística em alguns dos grandes centros urbanos, devido à baixa qualidade visual causada pelo crescimento acelerado e pelo constante avanço tecnológico que transformam as cidades em espaços cada vez mais massificados e de baixa qualidade de vida.

Coloca-se em questão como a revitalização de áreas naturais das cidades poderia contribuir para o aumento de fluxo turístico dos grandes centros urbanos e propiciar o desenvolvimento de um município a favor da preservação ambiental e da melhoria da qualidade da paisagem e da qualidade de vida da população.

Além disso, a falta de atenção para as áreas naturais das cidades dificulta a relação do ser humano com os elementos naturais o que causa sua desvalorização e os torna esquecidos, ou ainda, acabam sendo degradados, poluídos e marginalizados. O modo de vida adotado pela maioria das populações que vivem em centros urbanos desconhece o contato com os elementos naturais. Isso proporciona um desrespeito do ser humano com a questão ambiental o que provoca uma diminuição na sua qualidade de vida.

A revalorização de espaços degradados, como os rios que cruzam as cidades, através de projetos que transformassem tais áreas em espaços verdes de lazer e em atrativos turísticos de grandes centros, poderia além de promover a melhoria da qualidade visual da paisagem de um local, promover o desenvolvimento de um município através do incremento da atividade turística na região.

O presente trabalho teve como objetivo geral avaliar como a revitalização de áreas naturais degradadas ao longo do rio Belém, na cidade de Curitiba, poderia contribuir para o fomento da atividade turística da cidade e gerar a melhoria da sua paisagem visual, da qualidade de vida da população local e a preservação dos recursos naturais.

Como objetivos específicos:

Identificar a situação do rio Belém na cidade de Curitiba.

Analisar como as áreas naturais dos centros urbanos podem se transformar em atrativos turísticos.

Analisar como a revitalização do rio Belém poderia influenciar para o fomento da atividade turística na cidade de Curitiba.

Analisar como os projetos de revitalização urbana do município afetam a população e turistas.

Para isso foram analisados os principais trechos não canalizados ao longo do rio Belém identificando qual a ocupação dos espaços de suas margens, quais os usos encontrados nas margens do rio, o valor paisagístico e ambiental, a qualidade da paisagem e as formas de utilização pela população.

A degradação dos espaços ao longo dos rios gera, além de vários agravantes ambientais, dificuldades no desenvolvimento do princípio de cidadania, como o respeito e a admiração ao ambiente natural e a paisagem.

A melhoria na qualidade visual das cidades, através da revitalização das áreas naturais como os rios e áreas verdes, poderá incrementar a atividade turística e ser mais um fator agregado à economia da população local beneficiada.

A partir do momento que os cursos d'água forem explorados de forma a favorecer o desenvolvimento de um centro urbano, seja através de seu potencial turístico, cultural, fluvial, é resgatado o contato do ser humano com tal elemento natural.

É de suma importância o resgate da acessibilidade e da visibilidade dos rios pelos cidadãos, pois isto promove a inclusão social além de ampliar a conscientização e o reconhecimento dos espaços das águas como um bem precioso e escasso e de grande valor na qualidade da paisagem onde estão inseridos.

Por algum tempo, a natureza deixou de ser vista como um elemento vital, a sua degradação gera más conseqüências na qualidade de vida nas cidades. Há uma constante preocupação em resgatar a paisagem ao longo dos cursos d'água e promover a conscientização para que estes se tornem espaços públicos de valor paisagístico, turístico e ambiental trazendo novamente o equilíbrio entre cidade e natureza.

O crescimento acelerado das cidades e a condição cultural de seus habitantes são fatores que contribuíram para a formação de espaços pouco atrativos à população

em geral, tanto dos próprios moradores de uma cidade que buscam espaços afastados para seu lazer, como para os potenciais turistas que deixam de visitar determinadas áreas de um município pela sua falta de atratividade.

Se as áreas degradadas forem vistas com mais atenção pelos planejadores urbanos e turísticos muitos benefícios poderiam ser garantidos para as cidades, o turismo e o meio ambiente.

A área de abrangência da pesquisa ocorreu na cidade de Curitiba, com a análise do rio Belém.

O Belém é o único rio que tem a nascente e a foz dentro do município da capital paranaense e está presente na formação da cidade, abrange vários bairros, com diferentes densidades populacionais e perfis sociais, passando de um importante eixo estruturador do traçado urbano, até a primeira metade do século 20 para se tornar um "problema" ambiental e urbano, quando a cidade avançou sobre suas margens provocando alagamentos de bairros, e ser retificado, canalizado e urbanizado nas últimas décadas. As margens do rio encontram-se muito degradadas, porém ainda observam-se importantes florestas públicas e privadas em suas margens havendo um movimento crescente da população para sua recuperação despertando uma série de pesquisas e ações sociais para sua recuperação.

O trabalho foi estruturado da seguinte maneira: inicialmente foi realizada a pesquisa teórica sobre o tema, abordando assuntos tais como: espaço urbano, qualidade ambiental, qualidade da paisagem, espaço turístico focando nos conceitos de corredores turísticos e foi realizada uma pesquisa sobre as condições atuais dos rios urbanos, buscando exemplos de diversas cidades do mundo. Na seqüência foi apresentada a parte empírica com o estudo de caso sobre o rio Belém, onde foi realizada uma análise ao longo das margens do rio apresentando os diferentes usos e ocupações nos diversos trechos observados. Por fim é apresentado um capítulo com as discussões sobre a potencial formação dos corredores turísticos na cidade através do rio.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A expansão demográfica e o constante avanço tecnológico transformaram os centros urbanos em espaços cada vez mais massificados e de baixa qualidade de vida, pois é quase inexistente o contato da cidade com elementos naturais, e quando essa relação deixa de existir, os elementos naturais não são valorizados, potencializados, ficando esquecidos, ou ainda, acabam sendo degradados poluídos e marginalizados.

O modo de vida adotado pela maioria das populações que vivem em centros urbanos desconhece o contato com os elementos naturais. Isso proporciona um desrespeito do ser humano com a questão ambiental e como consequência, as cidades apresentam mais problemas que afetam diretamente na qualidade de vida dos seus cidadãos. O acelerado ritmo de vida adotado pela população faz com que esta não tenha mais tempo de apreciar a paisagem do meio onde vive e ao invés dos elementos naturais terem um importante papel na melhoria da questão ambiental e também na paisagem urbana, acabam se transformando em um grande obstáculo nos centros urbanos.

Nesse contexto, os rios podem ser considerados como um dos mais importantes símbolos da interação homem-natureza e é um dos elementos mais singulares da paisagem urbana.

Por muito tempo, a natureza deixou de ser vista como um elemento vital, a sua degradação gera más consequências na qualidade de vida das cidades. Tem-se identificado que gradativamente há uma constante preocupação dos gestores urbanos em resgatar a paisagem ao longo dos cursos d'água e promover a conscientização para que estes se tornem espaços públicos de valor paisagístico e ambiental trazendo novamente o equilíbrio entre cidade e natureza.

O atual interesse por temas relativos ao ambiente, independente das causas que o informam e das práticas sociais dele decorrentes, permite a interpretação de seus indícios como um desejo contemporâneo de "retorno à natureza". Desejo que vem se traduzindo em algumas buscas como, por exemplo, a obsessão pela proteção da natureza, a valorização e a tentativa de salvaguarda dos saberes de comunidades tradicionais, considerados como elementos necessários para a reformulação das posturas predatórias da sociedade mais ampla em relação ao ambiente (SERRANO, 1999, p.11) .

A água é um recurso renovável, que é naturalmente reciclado nos ciclos hidrológicos da terra. Mesmo sendo renovável ela é considerada um recurso finito porque os padrões humanos do uso da água raramente são compatíveis com os padrões naturais de sua disponibilidade. O uso da água pela humanidade inclui o seu armazenamento, tratamento e fornecimento para a indústria, irrigação agrícola e uso doméstico, sendo também requerida para a geração de energia, no transporte, no saneamento, no turismo e na recreação.

A revalorização das áreas ribeirinhas pode fazer com que uma população volte a lembrar que um rio é a verdadeira gênese da atividade humana naquele local, e que é um símbolo da vida na cidade.

Se a água é um dos mais importantes recursos do turismo enquanto elemento básico de inúmeros atrativos, como insumo é indispensável, estimando-se que nos países desenvolvidos os turistas usam dez vezes mais água nas suas atividades diárias do que os habitantes locais (EUHOFA; IH&RA; UNEP, 2001). A qualidade da água é ainda particularmente importante para os destinos turísticos preferenciais como os balneários em praias, rios e lagos, sendo que a sua poluição nestes locais resultará automaticamente na decadência do turismo e dos complexos recreativos neles implantados.

O principal desafio é garantir o acesso e a visibilidade aos cursos d'água nas cidades, pois há uma grande demanda da população por estes espaços devido às qualidades sensoriais destes, pela oportunidade de realizar atividades de lazer e como um refúgio da grande poluição do centro urbano. Além de promover a inclusão social e ampliar a conscientização e o reconhecimento dos espaços das águas como um bem precioso e escasso e de grande valor na qualidade da paisagem onde esteja inserido.

A partir do momento que a sociedade puder desfrutar desses espaços, ou pelo contato físico ou visual, ela voltará a enxergar a vital importância dos elementos naturais para o seu desenvolvimento, a população fará questão de revitalizar e respeitar os sistemas naturais do meio onde vive, fazendo com que a natureza sobressaia-se e tenha uma saudável interação com o meio urbano onde está inserida. Através desse trabalho será discutida esta hipótese, mostrando como de fato esta interação pode acontecer.

A perda da relação cidade x rio e a perda da referência população x elemento natural geram uma degradação ambiental e marginalização de espaços que poderiam ser potencializados e explorados de forma a contribuir com o desenvolvimento de um centro urbano a favor do meio ambiente e da melhoria da qualidade de vida, através até mesmo da transformação destes como um produto econômico. A partir do momento que os cursos d'água forem explorados de forma a favorecer o desenvolvimento de um centro urbano, seja através de seu potencial turístico, cultural, fluvial, é resgatado o contato do ser humano com tal elemento natural.

Nas cidades brasileiras percebe-se com maior intensidade a segregação dos rios quando estes são presentes em um meio urbano. As áreas ribeirinhas são, na maioria das vezes, ocupadas indevidamente pela população de classe mais baixa transformando-se em áreas marginalizadas e provocando grande degradação ambiental e da paisagem de suas margens. A perda da relação com os rios faz com que estes se transformem em grandes depósitos de lixo e esgoto. Desta forma geralmente acaba sendo descartada a possibilidade de se trabalhar os rios como um elemento ativo do desenvolvimento de um município. As potencialidades de um curso d'água estão muitas vezes presentes, porém não são utilizadas a favor das cidades e da população até mesmo como forma de beneficiar a melhoria na qualidade de vida desta. Enquanto for inexistente a referência aos elementos naturais estes nunca serão valorizados e cada vez mais se provocará uma degradação ambiental.

Como o turismo baseia-se no aproveitamento e na fruição do patrimônio natural e cultural, tem-se uma condição privilegiada para que haja um interesse na sua proteção por parte dos protagonistas dessa atividade. O turismo pode também assumir um importante papel no aumento da consciência ambiental e na educação para o consumo sustentável por meio de sua vasta rede de distribuição de serviços, e prover incentivos econômicos para a proteção de habitats naturais que sofrem pressão de outros usos ecologicamente insustentáveis. (CHRIST et al., 2003).

O turismo pode ainda trazer significativa contribuição para a conservação das áreas protegidas. De uma maneira mais ampla, a chegada do turismo e a presença de turistas pressionam as autoridades locais, juntamente com a participação de outros segmentos atuantes da sociedade, a adotar medidas de planejamento e de proteção

ambiental, podendo chegar à promoção de modelos de gestão ambiental e de qualificação de destinos diversos como praias, montanhas e o meio rural através, por exemplo, da redução de conflitos pelo uso do solo, da racionalização do consumo de energia e do tratamento de efluentes e resíduos.

Segundo Ferretti (2002), o fator positivo da atividade turística reside no fato de que, a partir da força do interesse turístico, podem ser gerados recursos e ações efetivas por meio de projetos e empreendimentos turísticos.

### 3. TURISMO E QUALIDADE AMBIENTAL

Meio ambiente é o conjunto dos elementos físico-químicos, ecossistemas naturais e sociais em que se insere o homem, individual e socialmente, num processo de interação que atenda ao desenvolvimento das suas atividades, à preservação dos recursos naturais e das características essenciais do entorno, dentro de padrões de qualidade definidos (COIMBRA, 1985, p.21).

Por definição, uma entidade natural utiliza o meio onde vive para retirar seu sustento, dar continuidade à sua existência (ou a de sua espécie), e descartando de volta à natureza a matéria que não usará mais, para que seja inteiramente reciclada pelo meio, promovendo assim um perfeito equilíbrio entre retirar e repor.

Quando o uso do ambiente se intensifica nas áreas urbanas, as conseqüências tornam-se significativas e afetam os elementos que compõem o sistema natural de maneira rápida e constante.

Os impactos ambientais negativos do turismo podem ocorrer sobre o ambiente natural e seus componentes básicos (ar, água, vegetação, solos, vida selvagem, ecossistemas, formações rochosas e minerais, fósseis, e paisagem), assim como sobre o ambiente construído pelo homem, especialmente sobre o seu patrimônio material (sítios arqueológicos, monumentos e construções históricas). Podem ser de natureza direta, ou seja, causados pela presença de turistas, suas atividades e comportamento, e indiretos decorrentes da implantação de infra-estrutura para servir ao turismo. (CEBALLOS-LASCURÁIN, 1996; UNEP, 2002).

A vida urbana é a forma concreta de o homem dominar a natureza, modificá-la ou até destruí-la. O homem, na civilização pós-industrial, perdeu suas referências com o ambiente, colocando-se acima e fora dele e não como parte de uma totalidade.

A qualidade de vida está relacionada com a qualidade do ambiente. Todos os índices de qualidade de vida de uma população levam em consideração informações relacionadas ao meio ambiente, sobretudo com relação às águas e saneamento.

Pode-se observar que para a qualidade do ambiente devem ser consideradas, além da presença dos elementos naturais, condições de clima e as condições do meio após a interferência humana, como a densidade populacional e o uso e ocupação do solo.

A atividade turística pode ser responsável pelo desencadeamento de atividades impactantes sobre o ambiente, e este em seu estado de qualidade para a vida humana, com as suas repercussões no turismo.

O turismo, ou seja, a implantação de infra-estrutura e de facilidades, juntamente com as atividades turísticas propriamente ditas, produz impactos negativos diretos e indiretos sobre o estado do meio ambiente, ocupando o seu papel na matriz das atividades humanas que estão contribuindo para a modificação dos padrões naturais da qualidade ambiental global.

Por outro lado, o desenvolvimento de um turismo ambientalmente responsável pode proporcionar benefícios para a proteção ambiental e para a conservação da natureza, de onde ele próprio obtém os recursos (naturais, culturais e paisagísticos) que o viabilizam, assumindo também o seu papel neste aspecto, participação esta que vem adquirindo importância crescente na mesma proporção do crescimento do turismo na atualidade.

Os processos ou fenômenos que mais repercutem na qualidade ambiental e na condição de vida da humanidade têm significância e repercussão para o turismo. São eles: o aquecimento global e as mudanças climáticas; o esvaziamento da camada de ozônio; a poluição do ar e a chuva ácida; a escassez e poluição da água; a degradação dos solos; a perda da biodiversidade; os desastres naturais. (EUHOFA; IH&RA; UNEP, 2001; UNEP, 2002).

Acontecimentos ambientais dessa ordem relacionados às mudanças climáticas, além de causarem miséria e sofrimento em larga escala, aumentarão os riscos nos negócios relacionados ao turismo.

Alguns fatores que geraram o rápido crescimento das cidades foram o êxodo rural, provocado principalmente pela mecanização da agricultura, ou pela substituição das atividades agrícolas pelas pastagens. A grande quantidade de pessoas que passaram a fazer parte do contingente urbano a partir deste processo se estabeleceu em áreas, muitas vezes, consideradas sem valor e em áreas de proteção ambiental.

Com a ocupação do homem de maneira desenfreada e expansão urbana sem planejamento, sem considerar as características naturais do meio, fez com que o

ambiente sofresse grandes modificações, os elementos naturais foram desconsiderados e o homem cada vez mais perdeu a referência com o ambiente natural.

Desta maneira a cidade começa a se apresentar de outra forma, modificada pelo homem, e que expressa às relações sociais de um espaço produzido para se viver dentro dos parâmetros mundiais de modernização.

As cidades do mundo mais poluídas são também importantes centros turísticos, bem como destinos de final de semana com oportunidades de lazer de curta duração para distintos segmentos da população. Por sua vez, os danos às florestas e a perda de espécies da fauna devido à acidificação significam a degradação de recursos turísticos primordiais. A deposição ácida em construções históricas e outros monumentos, causa ao aumento dos custos de manutenção e recuperação. Portanto, essas ocorrências se constituem em fatores de risco para a estabilidade turística de muitas localidades, cujos atrativos preferenciais são exatamente os recursos históricos materiais atingidos pela acidificação. Por fim, elevadas taxas de enxofre inaladas pelos turistas e pela população residente, podem levar a doenças respiratórias e prejudicar a sua saúde.

A natureza fica cada vez mais distante e a cidade começa a reproduzir toda a artificialização entre o homem e a natureza. O meio deixa de ser natural e passa a ser um meio artificial. A relação entre as pessoas e os processos naturais transformou a paisagem natural em uma paisagem cultural.

O turismo e a recreação encontram na natureza e nos componentes da sua biodiversidade - a diversidade de espécies (da fauna e flora) e a diversidade de ecossistemas (terrestres e aquáticos), uma fonte de recursos cada vez mais valorizada para o seu desenvolvimento.

Como a qualidade de vida está relacionada com a qualidade ambiental, e o ambiente onde o homem vive é por ele modificado, pode-se mencionar que o homem é o responsável pela qualidade de vida que ele mesmo constrói.

A forte influência da cultura e o avanço tecnológico contribuíram para a transformação do desenho das cidades e para a qualidade ambiental ao longo dos anos. A excessiva dominação dos espaços construídos fez com que os elementos físicos e naturais se transformassem em um empecilho para o desenvolvimento das

idades o que gerou reflexos na degradação ou até no desaparecimento de tais elementos, prejudicando assim a qualidade de vida nas grandes cidades.

O conjunto de ações antrópicas tem provocado enchentes urbanas e rurais, erosão e degradação dos mananciais, bolsões de pobreza e outros problemas de ordem ambiental e social, que agem diretamente sobre a qualidade da paisagem. A falta do princípio de cidadania, como o respeito e a admiração ao ambiente natural e a paisagem gerou a falta de áreas verdes, além de vários agravantes ambientais.

A falta de relação entre a ocupação do homem e o ambiente natural gera um desequilíbrio ambiental causando para o próprio homem desconfortos visuais, térmicos, acústicos e cada vez ficam mais escassos os elementos naturais úteis à sua sobrevivência.

Essa poluição visual, sonora, do ar e da sujeira nas ruas, conforme propõe Okamoto (1997), podem ter provocado uma redução na eficiência dos sentidos perceptivos, que são a interface com a realidade, fazendo com que o homem sentisse menos o meio ambiente. Por sua vez, afirmou que os ocidentais, estão começando a descobrir os negligenciados sentidos e que estão tomando, de forma crescente, consciência da dolorosa privação de experiências sensoriais que sofrem em sua sociedade tecnológica (MONTAGU apud CARDOSO, 2007, p.148).

A natureza tem uma grande capacidade de recuperação, quando alterada em qualquer uma de suas características. Porém, esta capacidade é limitada, devendo o homem conhecê-la e a ela adaptar-se.

Conforme Hermes Ferraz (1997), a cidade, que deveria ser um lugar privilegiado para tornar possíveis as relações entre os cidadãos, isto é, a ação do homem sobre o homem, elas os transformam em feras humanas; em lugar de ser a mediadora entre o homem e a natureza, humana e não humana, a cidade torna-se a causadora dos problemas individuais e sociais mais cruciantes. A cidade é feita pelo homem e acaba por educá-lo de acordo com as condições em que é construída.

Por isso a importância da conscientização dos elementos naturais e da participação da população no constante trabalho de valorização do ambiente e da busca pela volta do equilíbrio com a natureza.

Com a urbanização não apenas o ambiente, mas o modo de vida das pessoas também foi bastante modificado, pois cada vez mais as pessoas foram conduzidas para um ritmo de vida acelerado, voltado ao prazer, deixando de lado o lazer, o valor da finalidade do que faziam e do que viam sobre a reflexão do modo de vida.

As histórias da natureza e do homem estão relacionadas, mas em escalas diferentes. O homem faz parte dessa natureza, representando uma pequena parcela dela, mas na trajetória de sua história, ao buscar primeiro sua sobrevivência e depois movido por um sentimento de poder, ele ocasiona uma profunda mudança na ordem de relações que sempre existiu entre ele e essa natureza, passando de uma integração para um estágio de dominação. Quebra-se a harmonia; ele atinge seu ponto máximo de domínio, com a criação de grandes aglomerações – as cidades modernas, sua produção mais acabada onde pessoas vivem aglomeradas, onde tudo é mais intenso, mais complexo, onde a natureza é substituída ou recriada, de acordo com sua vontade, não sendo mais percebida como natural.

A espécie humana, então duplicada em número de habitantes nas cidades, começou a estabelecer e a impor suas regras por todo o globo. Antes da era industrial, todas as grandes regras de planejamento estavam relacionadas aos sistemas agrários locais. Agora as cidades haviam se expandido além dos limites suportáveis, o ar estava cada vez mais contaminado. O homem da era da industrialização começava a alterar o equilíbrio e os ciclos da natureza em escala global, e suas atitudes começavam a voltar-se para si mesmo, obrigando-o a carregar os problemas, que, agora, ele mesmo, e só ele, podia resolver (PARADED, 2004, p.6).

De acordo com RIBAS (2002), o controle sobre os problemas de degradação decorrentes da urbanização só se dará por meio do conhecimento dos processos e ciclos naturais específicos de cada local. A incorporação dos aspectos ambientais à prática do planejamento e gestão ambiental do território é necessária para consubstanciar uma configuração de usos e funções mais apropriados a uma região.

Desta forma se torna indispensável um planejamento urbano adequado para que as cidades tenham seu crescimento de maneira organizada, evitando que os elementos naturais continuem sendo descartados de seu desenho e priorizando assim as necessidades básicas de qualidade de vida da população. Para um bom planejamento a cidade deve ser vista não apenas como um conjunto de edificações, mas sim, como um fato geográfico que envolve as relações físicas, socioeconômicas e políticas, que são estabelecidas e que se desenvolvem neste meio predominantemente humano.

Neste sentido, o planejamento turístico pode vir como forte aliado no desenvolvimento de grandes centros urbanos, auxiliando no resgate e revalorização de áreas naturais já degradadas.

O turismo é fenômeno multifacetado e surge como opção de lazer, no qual o indivíduo usufrui seu tempo livre durante o deslocamento e permanência temporária em localidade diferente da sua origem, desfruta da paisagem ou de elementos intangíveis como rios, lagos, visita à parques, entre outros.

O ideal é que o turismo esteja em perfeita harmonia com o meio, retirando deste apenas o que os turistas buscam que são as belezas naturais, porém, sem danificar, pois conservando suas características sua qualidade será preservada por muito mais tempo. Desta forma os benefícios da preservação das belezas naturais do ambiente utilizado poderão ser aproveitados por muito mais tempo.

Segundo Ferretti (2002), apesar de o turismo estar incorporando esta visão, está herdando ambientes já degradados por outras atividades econômicas e, na maioria das situações, está recebendo a culpa pela degradação. As praias, os mangues, os sistemas lacustres, os arrecifes, os rios e os estuários são exemplos de ecossistemas com grande importância para o turismo, mas, muitas vezes, esses ecossistemas não recebem a devida atenção no planejamento turístico.

A pequena cidade começará a inchar desordenadamente e as áreas ao redor serão ocupadas, sem nenhum planejamento. Bastarão menos de 10 anos para retirar grandes porções de vegetação nativa, até o ponto de alterar radicalmente a paisagem. Além de causar impactos ecológicos, haverá conseqüências decorrentes das várias atividades que se desenvolverão no local. Qual a solução? Impedir o desenvolvimento das atividades turísticas? Não. Antes de chegar ao caos, é necessário estabelecer critérios de crescimento, respeitando as características do ambiente (MOLINA, 1998, p.45).

O turismo vem sendo considerado uma atividade econômica viável, que possibilita a reestruturação e/ou a revitalização econômica do local. Mas, para que isso realmente perdure, é necessário planejar corretamente.

## 4. PAISAGEM URBANA E TURISMO

Por ser um tema muito amplo, a paisagem é analisada sob diversos aspectos nas mais variadas áreas do conhecimento, como a geografia, a arquitetura, a antropologia, dentre outros, surgindo, assim, diversas interpretações sobre a sua importância natural e social.

Boullón define a paisagem como uma qualidade estética que os diferentes elementos de um espaço físico adquirem apenas quando o homem surge como observador, animado de uma atitude contemplativa dirigida a captar suas propriedades externas, seu aspecto, seu caráter e outras particularidades que permitam apreciar sua beleza ou feiúra. (BOULLÓN, 2002, p.120)

Paisagem é um “espaço de terreno que se abrange com um lance de vista, panorama”. Para Godron Forman (1986), paisagem consiste em uma área de terra heterogênea composta de agrupamentos de ecossistemas interligados e que se repetem de forma similar. As abordagens de OREA (1994) concebem a paisagem como expressão resultante da interação espacial e temporal dos seres humanos com o meio.

O conceito de paisagem urbana é: “um edifício é arquitetura, mas dois seriam já paisagem urbana, porque a relação entre dois edifícios próximos é suficiente para libertar a arte da paisagem urbana. As relações entre os edifícios, e o espaço entre eles, são questões que imediatamente se afiguram importantes. Multiplique-se isto à escala de uma cidade e obtém-se a arte do ambiente urbano; as possibilidades de relacionamento aumentam, juntamente com as hipóteses a explorar, e os partidos a tomar” (CULLEN, 1983, p. 135).

O rápido crescimento das cidades causou nos centros urbanos a deterioração da paisagem urbana, provocando uma poluição visual e conseqüente diminuição na qualidade de vida.

O ritmo de vida acelerado também fez com que as pessoas deixassem de contemplar a paisagem envolvente e isto fez com que elas perdessem a noção do valor da presença de elementos naturais para seu bem estar.

A degradação do meio faz com que as cidades tenham paisagens cada vez mais desinteressantes, além das pessoas não terem tempo para apreciar o seu entorno, os centros urbanos tem menos a oferecer, pois com a eliminação dos elementos naturais ou a desvalorização dos espaços naturais ainda existentes, a

cidade se transforma em um meio cada vez mais massificado e estressante para os que nela vivem.

Yázigi (2002) ressalta que o município tem uma profunda importância na preservação da paisagem local e no diagnóstico dos problemas. Essas entidades político-administrativas territoriais têm, a seu favor, uma legislação que lhes dá autonomia para controlar o uso e ocupação do solo. Mas o que ocorre, geralmente, é um profundo descaso, uma falta de organização e de consciência sobre o assunto. Prevalece o “horror ao velho” e o “anseio pelo moderno” e planos de mudança que não analisam os impactos que serão ocasionados.

Também para Yázigi (2002) a ciência de vender as paisagens turísticas sem um planejamento leva à degradação. No Brasil a degradação da paisagem ocorre desde o início da colonização, com a exploração do pau-brasil e, depois, com a cultura da cana-de-açúcar, com a mineração e com o café. O que ocorre é ainda mais grave, pois se tem a consciência do valor da paisagem. Muitas áreas têm perdido seus patrimônios devido às medidas que seguem os interesses outros, muitas vezes pessoais, gerando, assim, a degradação cada vez maior da paisagem.

Conforme Paulo Pellegrino (2003) a população acabou perdendo a idéia de cidade, de urbanidade e cidadania, o horizonte dos cidadãos se torna, quando muito, o próprio bairro, sua rua ou o condomínio onde se enclausura. A retirada, por parcelas do espectro social, do espaço livre público urbano, resulta, de um lado, em uma desvalorização da paisagem, e, de outro, em uma crescente alienação da dimensão ambiental do espaço urbano, trazendo como consequência a impossibilidade de pensar o espaço e o ambiente como totalidades, ainda que abertas e carregadas de conflito. Como resultado, difunde-se uma apatia generalizada entre seus habitantes para com a deterioração dos espaços de seu cotidiano, e, como produto, tem-se uma realidade urbana que se torna feia, agressiva e insegura, que reflete uma sociedade impotente no enfrentamento de questões sócio-ambientais.

Um ambiente urbano belo e aprazível constitui uma singularidade, ou, como diriam alguns, uma impossibilidade. Nenhuma cidade norte-americana maior que um vilarejo é consistente em termos de beleza, ainda que algumas delas contenham um certo número de fragmentos agradáveis. Assim, realmente não surpreende que a maioria dos norte-americanos tenha uma idéia muito difusa do que pode significar viver em tal ambiente. Eles são suficientemente

conscientes da feiúra do mundo em que vivem, e bastante eloqüentes a propósito da sujeira, da fumaça, do calor, do congestionamento, do caos e, ainda assim, da monotonia de suas cidades. Mas praticamente não tem consciência do valor potencial de entornos harmoniosos, de um mundo que talvez só tenham relanceado de passagem, como turistas ou viajantes ocasionais. Eles podem ter uma consciência muito tênue daquilo que um determinado espaço pode significar em termos de prazer cotidiano, ou como um refúgio permanente para as suas vidas, ou, ainda, como uma extensão do significado e da riqueza do mundo (LYNCH, 1999, p. 2).

As áreas verdes exercem uma função muito importante no ambiente urbano principalmente como elemento da paisagem urbana, além da função social promovendo o contato entre as pessoas e servindo como áreas de lazer, como função fisiológica. As áreas verdes ajudam na drenagem e na absorção de águas pluviais, evitando erosões e alagamentos e através da absorção destas águas são alimentados os lençóis freáticos. Interferem também no clima, tornando-o mais ameno e na umidade do ar e purificam o ar cada vez mais poluído do meio urbano. Possuem função estética, emoldurando imóveis e formando anteparos visuais, além de terem função de ação psicológica, pois estas áreas proporcionam à população a sensação de conforto e relaxamento. As áreas verdes embelezam a paisagem da cidade e favorecem a população.

Assim como as áreas verdes, os rios urbanos são um forte elemento na criação de uma paisagem urbana agradável se bem inseridos no desenho urbano. Pois o elemento água é capaz de transferir um sentimento de bem-estar além de ter um imenso potencial visual na paisagem.

Além das paisagens terem um grande valor estético, influenciando no bem estar do ser humano, estas podem ter um valor de uso podendo até mesmo intervir no seu valor econômico.

Nessa perspectiva, a paisagem deve ser encarada como uma combinação entre diversos fatores que agem simultaneamente e formam uma porção única no espaço, ela é um fenômeno em constante transformação, seja natural ou social, que influi significativamente no turismo, pois por meio dela, o turista pode perceber a realidade de um local e se sentir atraído ou não por ele.

A qualidade visual intrínseca está, de acordo com Bombim (1987), diretamente ligada aos elementos naturais ou antrópicos que compõem a paisagem, sendo que estes, ao serem desagregados, são chamados de componentes da paisagem. O relevo,

a água, a vegetação e as ações humanas constituem-se nos principais destes componentes paisagísticos.

O valor estético da paisagem tem ligação direta com a sensação e a percepção. Portanto, a brusca e agressiva alteração da paisagem gera uma poluição visual que afeta o ser humano.

A carência de paisagens urbanas agradáveis faz crescer a preocupação com a revalorização dos espaços dos centros urbanos. Pois as paisagens urbanas também são indicadores de qualidade de vida e que proporcionam ao homem das cidades um bem estar mental e social próprios do lazer contemplativo.

De acordo com Kevin Lynch (1999) a ilegibilidade de uma paisagem urbana causaria desorientação e ansiedade nos usuários urbanos, transformando o caminhar pela cidade em uma atividade não prazerosa.

Devido a esta procura crescente por lugares de paisagem atraente, de beleza cênica, há um aumento nos projetos de revitalização de áreas no planejamento urbano, estes trabalhos, além de ajudarem na preservação dos recursos naturais podem dar um uso às áreas para as atividades de turismo, lazer, esportivas e entretenimento. Assim, a paisagem passa a ser considerada como um recurso natural e também como um recurso socioeconômico.

Para Castro (2002) a paisagem é real e ao mesmo tem representatividade, sendo que ela faz parte da cultura e exprime as civilizações que nela habitam e deve ser encarada como o lugar do outro para que assim se possam observar as suas características corretamente, pois por necessitar do olhar humano muitas vezes sua imagem fica distorcida, restrita a aquilo que o observador nota ou quer destacar, ocultando muitas vezes os problemas nela contidos, constituindo-se assim, em uma perspectiva ideológica restritiva, ou seja, o observador faz seleções que manipulam a imagem transmitida destas paisagens, distorcendo o que é real.

Com o processo de urbanização a paisagem recebe a função de fixar ou registrar paisagens que estão desaparecendo ou se transformando, trazendo às pessoas visões nostálgicas. Formas como o deserto, praias e montanhas tiveram conceitos agregados, pois nem sempre foram consideradas como atrativas ou nem percebidas como tal. É nesse contexto que surge a paisagem como mercadoria, de

suma importância para o turismo e que tem se tornado uma mercadoria meramente sensível, deixando de lado a sua concretude e densidade próprias. Para Castro (2002) a paisagem pode ser utilizada como recurso turístico devido ao conteúdo simbólico nela contido. Defende também que as imagens formadas anteriormente as da publicidade tem maior importância na decisão de visitar um local ou não, pois os turistas não obedecem apenas à lógica de mercado, mas também a lógica do imaginário social, que é mais profunda.

Conforme afirma Yi-Fu Tuan (1980) a apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos. Também perduram além do efêmero quando se combinam prazer estético com curiosidade científica. É com base na representação da natureza como paisagem, e como cenário para as ações humanas, que se institui o seu consumo pelo turismo.

A expressão positiva das paisagens contemporâneas nos remete à natureza domesticada. Mesmo quando conservadas “selvagens”, são controladas, monitoradas, relacionadas à complexidade de um mundo que não tem mais qualquer relação com as paisagens regionais do início do século. Por isso, a paisagem contemporânea é uma concepção híbrida, carregada de natureza e cultura, de processos naturais e sociais (LUCHIARI, 2000, p.22).

Trabalhar a paisagem da cidade inserindo os elementos naturais no desenho urbano e garantir o acesso da população a estes locais faz com que as pessoas voltem a ter uma referência com a natureza e tenham maior preocupação com questões ambientais.

Os estudos da paisagem podem ajudar a melhor compreender a experiência da natureza urbana e os significados culturais que a ela são atribuídos.

Todo o trabalho de planejamento inclui a leitura perceptiva da paisagem como indicadora, não só dos pontos de maior significado visual, como também dos aspectos críticos de transformação do relevo, das condições de degradação dos solos e da cobertura vegetal, das características da ocupação urbana; e, finalmente, na detecção de vocações paisagísticas, as quais se constituem no primeiro passo da criação de cenários de desenho ambiental (FRANCO, 1997).

Diante de tal quadro, faz-se necessário um maior planejamento turístico para que os impactos negativos sejam inferiores aos positivos e que, desta maneira, a população

local possa usufruir dos benefícios trazidos pelo turismo e que este não seja um fator de exclusão social, alienação e de degradação do meio ambiente.

Sendo a paisagem um fenômeno muito dinâmico, ela deve ser trabalhada cuidadosamente pelo turismo para não se tornar mais uma mera mercadoria de consumo, tendo em conta que a paisagem é de suma importância para as comunidades locais, pois retrata a sua história e cultura, devendo ser priorizada no caso de mudanças. Algumas medidas devem ser tomadas para a minimização do vandalismo e para a preservação do meio ambiente, e é necessário tomar cuidado quando se criam os chamados “não-lugares”, para que estes não representem mais um fenômeno de alienação e de exclusão.

Segundo Mahfuz (2001) os não-lugares são os espaços públicos pelos quais ninguém sente um apego particular e que não funcionam como pontos de encontro à maneira tradicional.

## 5. CIDADE x TURISMO

Segundo John Naisbitt, professor da Universidade de Cambridge, o turismo é a mais promissora atividade do mundo. Ela é alimentada pelo progresso das telecomunicações, tem a força que está ensejando imensa economia global e capacitando seu poder multiplicador. (NAISBITT *apud* LEMOS, 1999).

Os responsáveis pelo poder público das cidades e regiões começam a perceber a crescente importância do turismo para seu desenvolvimento, pois além das tendências de aumento da demanda por turismo, essa atividade, em comparação com outras, necessita de menores investimentos quando os recursos já existentes nas próprias localidades podem ser aproveitados como forma de investimento turístico.

### 5.1. TURISMO NO ESPAÇO URBANO

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá.

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, os sistemas de ações levam à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra sua dinâmica e se transforma (SANTOS, 1988, p. 63).

Espaço urbano é definido por Corrêa (2002, p. 9) como um espaço “[...] fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campos de lutas”. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais.

Sendo a atividade turística um setor que apresenta um crescimento significativo, devido principalmente ao avanço tecnológico dos meios de transporte, a diminuição das jornadas de trabalho e o aumento das horas de lazer, nesta ótica, os centros urbanos são espaços que mais têm atraído um grande número de turistas, entre eles,

participantes em congressos e eventos, viajantes de negócios, além das pessoas que visitam amigos e parentes.

Considerando também que o turismo é uma atividade que está diretamente vinculada a um contexto espacial, pois é um grande consumidor do espaço e que tal atividade engloba além dos atrativos, equipamentos e toda infra-estrutura necessária de forma física e visível. Sendo responsável também pela produção e transformação do mesmo, e toda sua complexidade é expressa pelas relações sociais e pela sua materialização que compõe o processo de produção desse espaço, percebe-se a forte ligação com o espaço urbano sendo imprescindível o estudo do espaço turístico urbano.

A abordagem espacial do turismo precisa de uma referência da relação entre turismo e o meio urbano. Para Castrogiovanni (2000), a ordenação urbana compreende o processo de organização dos elementos que compõem o espaço urbano de acordo com o estabelecimento de relações de ordem, com base na construção de uma hierarquia de valores, no caso, com o objetivo de facilitar o desenvolvimento das atividades turísticas. A ordenação turística é a busca conveniente dos meios existentes no espaço para o sucesso das propostas relativas às atividades turísticas.

Segundo Cruz (2000, p. 24) existe uma diferença fundamental entre o espaço urbano produzido pelo turismo e o espaço urbano. É que, “[...] no primeiro caso, trata-se da criação de um novo espaço produtivo”. O espaço urbano em si constitui-se em suporte e, ao mesmo tempo, atrativo para o turismo.

Para Boullón (2002, p. 79), o espaço turístico é conseqüência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos que, não se deve esquecer, são a matéria-prima do turismo. Este elemento do patrimônio turístico, mais o empreendimento e a infra-estrutura turística, são suficientes para definir o espaço turístico de qualquer país.

O maior interesse dos turistas, geralmente, está voltado em conhecer novas paisagens, constituídas não só pela paisagem em si, mas por toda a bagagem que ela carrega, o modo de vida de outra população, sua história, seus costumes, as configurações geográficas do local, por exemplo. Esta diversidade de elementos é ofertada principalmente nos grandes centros urbanos do mundo, com diferentes culturas, arquitetura, paisagens etc. Para Ferrara (2002), o deslocamento turístico

ocorre sob o impacto do estranho visível, ou seja, trata-se de um choque em que a oposição é constituída significativamente, pela visualidade. Para entender a visualidade é preciso perceber os signos visuais que representam uma visibilidade marcada social e historicamente.

Das cidades os turistas consomem o meio ambiente, seus recursos turísticos, suas infra-estruturas, sua cultura, seu povo, enfim, consomem a cidade como um todo. A soma agregada de todos esses fatores reconhece-se como o produto turístico de qualquer lugar geográfico (DIAS, 2003).

Para Barros (2004), O turismo urbano pode ser definido como a aglomeração de diversas atividades em uma cidade que resultam em um afluxo de viajantes. Segundo Cruz (2002), o turismo urbano é de grande relevância na mobilidade mundial, afinal, desconsiderando as modalidades de turismo de aventura, ecológico, rural, entre outros, cujo suporte material constitui-se de locais pouco ou nada urbanizados, o turismo em ambientes urbanos representa a quase totalidade do fluxo turístico mundial.

Porém o crescimento acelerado e desorganizado da maioria das cidades acaba desfavorecendo a paisagem e tornando tais destinos pouco atrativos aos turistas, por isso a importância em resgatar a paisagem dos centros urbanos, através da arquitetura ou da recuperação de seus elementos naturais, resgatando também a história de tais espaços.

Neste sentido, o turismo tem não apenas impulsionado o crescimento de várias economias urbanas, mas o desenvolvimento das atividades turísticas tem também contribuído para a melhoria da qualidade de vida urbana, beneficiando comunidades locais.

De acordo com Barros (2004), a sustentabilidade da atividade turística dependerá sempre da promoção e da manutenção de espaços urbanos de qualidade. Desta forma, o desenvolvimento turístico pode vir a promover uma melhoria integrada dos aspectos econômicos, sócio-culturais, físicos e ambientais das cidades contemporâneas, e o turismo destaca-se como uma das grandes esperanças para a governabilidade das cidades e a qualidade da vida urbana no novo milênio.

O turismo utiliza-se de toda uma infra-estrutura e facilidades do espaço urbano para seu pleno desenvolvimento, podendo ainda, ser responsável pela reprodução

deste espaço, de acordo com as necessidades que impulsionam a concretização da atividade turística nas destinações. Vê-se que a criação e a manutenção de espaços urbanos de qualidade será sempre um dos maiores desafios, que pode encontrar no desenho urbano um poderoso instrumento.

Gerir o turismo urbano remete, inevitavelmente, à busca pela compreensão dos processos de reestruturação e valorização do espaço urbano, com os desafios de uma economia globalizada e competitiva, verificados em um espaço dinâmico, como o espaço urbano em questão.

Para Boullón (2002, p. 55), no turismo, os atrativos devem permanecer intactos ou, caso sofram intervenções, essas ações ficam limitadas à restituição de alguma qualidade que possam ter perdido, seja pela ação destrutiva de outros setores, dos próprios turistas, ou pelo passar do tempo.

Sendo o turismo um elemento transformador de espaços e um produtor de territórios, sobretudo, nas áreas urbanas, é necessário refletir sobre a complexa rede de relações que o produz e é produzida pelo seu surgimento e desenvolvimento. Nesse processo de refazer espaços turísticos, o Estado atua como protagonista na estruturação da atividade e se torna um poderoso indutor de investimentos privados.

A partir da década de 80, muitas cidades européias passaram a incluir em sua agenda de planejamento institucional a promoção do turismo e a inserção das atividades turísticas no cotidiano urbano. Planos estratégicos, programas e projetos urbanos, aliados a agressivas campanhas de marketing passaram a promover algumas cidades européias em suas regiões, em seus países, e no mundo. A divulgação dos atributos existentes em tais cidades, a construção de novos atrativos e, certamente a promoção de determinadas imagens pelo city marketing, têm atraído não apenas visitantes mas também investimentos e mão-de-obra especializada para diversas destinações urbanas (BARROS, 2004).

As cidades turísticas representam uma nova e extraordinária forma de urbanização, porque elas são organizadas não para a produção, como o foram as cidades industriais, mas para o consumo de bens, serviços e paisagens. De acordo com Luchiari b (2000), em a Urbanização Turística, a urbanização turística coloca as cidades no mercado de paisagens naturais e artificiais. Algumas cidades chegam a redefinir

toda sua vida econômica em função do desenvolvimento turístico, reorganizando-se para produzir paisagens atrativas para o consumo e para o lazer.

A totalidade urbana, somada aos elementos turísticos por ela incorporada, permite considerar a necessidade de integrar as ações que delineiam a organização espacial das cidades através do planejamento com as políticas setoriais de desenvolvimento turístico, numa ação administrativa conjunta e participativa. Muitas cidades por si mesmas se constituem em atrativo turístico, e o turismo por si mesmo contribui para melhorar a imagem da cidade.

Para Barros (2004) desenho urbano é a arte de fazer lugares para as pessoas. Esta definição sugere que o “projetista” urbano assumiria um papel fundamental de orientar as ações dos vários agentes responsáveis pelo desenvolvimento do turismo, assim como de envolver os vários atores urbanos nos processos de decisão. As intervenções urbanas resultantes desse processo participativo promoveriam a melhora do ambiente natural das cidades e favoreceria a prática das atividades culturais, através da criação de espaços físicos autênticos – porque inseridos na cultura dos lugares – e imaginativos – porque contribuindo para a cultura dos lugares – onde as pessoas se sentiriam atraídas a visitar, relaxar, trabalhar e conviver.

O planejamento urbano aliado ao planejamento turístico pode contribuir para a criação de espaços democráticos, locais de convívio, ou seja, espaços urbanos mistos, que atraem diferentes tipos de usuários em diversas horas do dia. Tais espaços poderão ser ocupados tanto pela comunidade local, pois serão importantes espaços de lazer, e também, pelos turistas, pois integrarão os atrativos turísticos de uma cidade.

## 5.2. CORREDORES TURÍSTICOS

Segundo Boullón, os corredores turísticos são vias de conexão entre zonas, áreas, complexos, centros, conjuntos, atrativos turísticos etc., e que funcionam como elemento estruturador do espaço turístico. Os corredores turísticos podem ser representados pelas estradas de um país. Essas vias são utilizadas para o deslocamento dos fluxos turístico internos, atravessando as melhores paisagens, articulando o maior número de atrativos ao longo do seu percurso. A presença de equipamentos e serviços turísticos na via ou no seu entorno imediato reforça o caráter turístico em razão de sua funcionalidade (BOULLÓN 2002).

Já para Ignarra (2003, p. 20) os corredores turísticos são vias de inter-relação entre várias áreas turísticas, ou entre vários centros turísticos, ou entre portões de entrada e os centros turísticos. O conceito de corredor turístico não é unicamente de uma via de acesso a uma determinada localidade, mas sim de uma faixa de território que serve de ligação entre vários elementos turísticos e que se constitui, ela própria, em um atrativo. Uma rodovia litorânea, por exemplo, pode ter utilidade para ligar duas cidades turísticas costeiras, além da própria estrada, por sua beleza cênica se constituir em um atrativo turístico. Este é o conceito mais simples do termo que se qualifica como corredor turístico de passeio. Outra conotação mais complexa é aquela em que o próprio corredor possui infra-estrutura turística. Assim, um centro turístico que se estenda linearmente ao longo da costa, de um rio, ou mesmo de uma rodovia ou ferrovia pode ser considerado um corredor turístico de estrada.

Na concepção de Freitas (2004) os corredores turísticos podem ser entendidos como as vias de conexão entre as zonas, as áreas, os complexos, os centros, os conjuntos, os atrativos turísticos, os portos de entrada do turismo receptivo e as praças emissoras do turismo interno, que funcionam como elemento estruturador do espaço turístico e que, por si só, podem vir a ser um forte atrativo, em função da paisagem onde se inserem.

Lynch b (1999) em seu livro “A Imagem da Cidade” trabalha com o conceito de “legibilidade” do ambiente urbano. Para o autor uma cidade só é “legível” se puder ser “imaginável”, ou seja, é necessário que haja clareza física na imagem. Para ele, existem cinco elementos da cidade que podem ser percebidos pelos seus usuários: os caminhos, os pontos nodais, os bairros, os limites e os marcos. Adaptando estes elementos ao turismo, Boullón (2002) aponta-os como: logradouros, marcos, bairros, setores, bordas e roteiros.

Os limites para Lynch b (1999) correspondem às bordas apontadas por Boullón (2002). Trata-se de elementos lineares que marcam o limite entre duas partes de uma cidade. Uma borda é um elemento fronteiro que separa bairros diferentes, quebra a continuidade de um espaço homogêneo ou define os extremos ou margens de partes da cidade. As bordas podem ser um rio, uma via férrea ou uma auto-estrada, separando as partes fisicamente, mas podem também ser uma avenida, edifícios de

alturas ou idades diferentes e ruas de larguras diferentes, separando as partes apenas visualmente.

Sendo o rio urbano um elemento linear que cruza um município, este poderá ser trabalhado a fim de se tornar um corredor verde de uma cidade, que poderá torna-lo um atrativo por si só, com espaços de preservação com áreas verdes para a contemplação, sendo importantes eixos de ligação entre outros atrativos naturais da cidade, como os parques e praças.

Dentro do planejamento regional, os corredores turísticos enquanto vias de acesso prioritário e de suporte à atividade turística, podem por sua vez adquirir as funções de vias de desenvolvimento econômico e social, através do potencial econômico que representam, além de fortalecer uma identidade integrada para um grupo de municípios que obterão, em conjunto, uma representatividade maior da que conseguiriam isoladamente. Assim como as vias de acesso no planejamento regional, os corredores verdes poderão ser um importante elemento no planejamento urbano que virão a contribuir para a revitalização de espaços naturais ao redor dos rios, além de contribuir para o turismo, servindo também de importantes corredores turísticos naturais nos centros urbanos.

Segundo Boullón (2002), o planejamento dos corredores turísticos, notadamente na América Latina, é uma responsabilidade do poder público, através do fornecimento de infra-estrutura urbana, cuidados com o meio ambiente e elaboração de legislações pertinentes que procurem conciliar os interesses da iniciativa privada, com a proteção ambiental, e a qualidade de vida das populações envolvidas, ou seja, buscando alcançar um padrão de desenvolvimento equilibrado para as presentes e futuras gerações.

A vegetação urbana representa importante elemento organizador do espaço principalmente através da arborização de ruas, praças, parques, jardins e reservas. A arborização, devido ao seu porte, integra os espaços urbanos construídos com os espaços livres ocupados apenas por vegetação. Assim, a arborização constitui-se num meio de ligação entre estas áreas e favorece a biodiversidade urbana.

Para Cavalheiro (1991) “tem-se evidente a importância da arborização de ruas [que deveria ser a mais diversificada possível] para integração das praças e parques,

funcionando como corredores da fauna e contribuindo para a Conservação da Natureza”. (CAVALHEIRO. In: TAUKE, 1991, p. 95)

Segundo Abbud (2007), na composição do espaço urbano, a vegetação passa a estruturá-lo modificando a paisagem através de seu volume podendo, deste modo, “harmonizar” ou “equilibrar” os espaços arquitetônicos, privilegiando ou desconsiderando certos ângulos e criando novos ambientes. Todavia, para obter-se tais resultados faz-se necessário o trabalho de profissionais (planejadores, arquitetos, geógrafos, paisagistas, urbanistas), que considerem o espaço urbano como um todo e que conheçam o elemento vegetação com as suas características, necessidades, finalidades e limitações.

A estruturação do espaço através de corredores turísticos possibilita a identificação de espaços turísticos, através do estabelecimento de uma identidade conjunta e da imagem integrada que transmite ao visitante.

Além disso, as áreas verdes públicas, ou seja, a vegetação urbana, funciona como indicador para se conhecer a situação em que se encontra a qualidade de vida da população. Assim, a vegetação urbana presente em praças públicas, parques, jardins como também a própria arborização de vias públicas, assim como a criação de corredores naturais nas cidades constituem-se num indicador da qualidade ambiental urbana.

Para Mello (1999) a presença do componente vegetal da paisagem, no espaço abrangente das massas urbanas, funciona simultaneamente como elemento de função estética no quadro do design citadino e como um indicador de conforto ambiental, diretamente ligado a esse valor designado como a qualidade de vida.

### 5.3. A PAISAGEM DOS RIOS URBANOS

A grande maioria das cidades ao redor do mundo, seja em países desenvolvidos, ou seja, em países em desenvolvimento, encontra-se nos vales de rios, esta quantidade considerável de cidades está associada à presença de um rio no seu desenho urbano.

Os rios estruturaram as paisagens urbanas e consolidaram sua forma, principalmente pela importância dos cursos d'água como um elemento de sobrevivência.

Desde os princípios da história, pequenos grupos nômades se fixavam perto de rios pelo motivo óbvio de garantir uma fonte de água para a sua sobrevivência, tanto para beber quanto para irrigação. Por esta razão, a questão da imagem do rio começou com a idéia de sobrevivência, isto é, traduzia a probabilidade de sobrevivência da sociedade que às margens do rio se fixava.

Na Europa é comum encontrar cidades cujos nomes aparecem ligados ao nome dos rios: Bradford-on-Avon, La Charité Sur Loire, são alguns exemplos.

Em alguns casos, como o de Londres, Hamburgo, e Xangai, a presença de um rio era também ligada ao transporte marítimo, que por sua vez, também transmitia a idéia de sobrevivência, mas com filtros comerciais e políticos.

Outros casos, como de Montreal e Paris em que formaram-se ilhas dentro do próprio rio, onde se começou a cidade, por motivos de defesa militar.

Mas a maioria das culturas desfrutou muito pouco dos rios como elemento de beleza natural, com o objetivo de contemplação estética. Segundo Kostof (1995), o primeiro projeto realizado com o objetivo de utilizar um rio criando um espaço público foi em Florença, na Renascença, em 1345, com a concepção da Ponte Vecchio, que cruza o rio Arno, o qual foi voltado com o intuito de desfrutar visualmente da paisagem do rio.

Ao longo de muitos séculos, desde o início das cidades, a idéia de sobrevivência que o rio transmitia não parece ter mudado.

Percebem-se em um rio urbano os reflexos da cidade que dele se aproveita. Seja por condicionantes culturais, econômicas ou políticas, o rio sempre é modificado para atender a sociedade local, qualquer que seja o nível em que ela se encontra. É, de fato, um indicador preciso da qualidade cultural e avanço tecnológico local.

Em algumas cidades do mundo desenvolvido – e pode-se ligar desenvolvimento com cultura – têm a parte nobre, histórica da cidade, próxima ao rio, onde a cidade começou (Paris, Londres, Roma, Chicago, Saint Louis, Tóquio). Nessas cidades, o rio tem um valor social importante na vida destes centros urbanos. Podem ser encontrados

museus, palácios, lojas, edifícios administrativos e áreas de lazer beirando as margens, e sua população fazendo um saudável uso de seus rios.

Por outro lado dessa história, houve uma convivência cada vez maior com o ambiente construído fazendo a sociedade pensar que os rios existentes tinham mais importância para a navegação do que para a sobrevivência. Dessa forma, os rios foram se transformando em canais naturais de esgoto, ou seja, a potencialidade que têm os rios e o ambiente natural de contribuir para uma forma urbana diferenciada, memorável e simbólica foi, na maioria das vezes, desconsiderada no planejamento urbano.

Há sem dúvida a questão da especulação imobiliária, não só nos dias atuais, mas também de séculos atrás. Ocupar fundos de vale trazia consigo um risco de inundações, algo que acontece tanto no mundo desenvolvido quanto no mundo em desenvolvimento. Ocupar o alto de colinas e montes, os divisores de água, traziam o benefício da defesa e de poder controlar os horizontes visualmente.

As áreas de preservação próximas aos rios são suscetíveis a ocupações, com o rápido adensamento urbano as classes sociais de menor poder aquisitivo acabam invadindo as margens dos cursos d'água que são as áreas sujeitas a alagamentos. Essas áreas se tornam propícias às ocupações irregulares por serem um espaço urbano de pouco interesse das empresas imobiliárias e de seus principais consumidores, que, no conjunto do espaço urbano, buscam vantagens locais, onde estão presentes outras amenidades, em especial aquelas socialmente construídas, como as praças ajardinadas, as avenidas e ruas consideradas como mais nobres e/ou melhor infra-estruturadas.

Ao contrário do que acontece com as margens de oceanos e mares, com o processo de apropriação do espaço devido à sua localização privilegiada pela beleza das formas naturais, esta valorização não ocorre com as margens de rios, porém, estas áreas também podem ter uma paisagem privilegiada, pouco comum nas cidades que apresentam uma dinâmica caótica da vida urbana.

É possível verificar um exemplo disto na cidade do Rio de Janeiro que possui um total de 660 km de rios e 15,24 km<sup>2</sup> de lagoas para os quais a cidade deu as costas. São 78,4 km de praias contra 69,4 km de orla de lagoas, além de 14,74 km<sup>2</sup> de manguezais. Apesar disso, a cidade preferiu voltar-se unicamente para o mar.

Concretou e escondeu seus cursos d'água. É um privilégio para a cidade ter praias tão belas, porém, não é sensato ignorar espaços com tantas possibilidades (JAULINO, 2004, p. 110).

No momento em que o rio é desligado de sua característica original de gerar sobrevivência à cidade, ele se torna passível de marginalização. A água, que antes vinha diretamente destes rios urbanos, passou a ser coletada longe do perímetro urbano, em áreas supostamente puras chamadas mananciais. Desta maneira, os rios urbanos, são um mal necessário, pois precisam atravessar a cidade, porém já não produzem mais nenhum benefício a ela, nem sequer o original uso de extrair água potável, atividade que fica então seriamente comprometida com o incontrolável número de lançamentos clandestinos de resíduos dentro de seus cursos.

Quando um curso d'água do meio urbano já se encontra comprometido, existem duas opções: consertar ou esconder. Por muito tempo, parece que a segunda opção foi preferida pelo consenso geral de uma cidade, pois quando não se vê a importância de tal elemento natural, a cidade então trata os rios como um local marginalizado, sujo pelo depósito de resíduos e insalubre, que traz uma idéia lógica, porém absurda de esconder o problema. O que realmente acontece com os intensos processos de canalização.

Como afirmam Corrêa e Alvim (2000): “o esgoto sujou os rios, a energia retificou e mudou seu curso, a necessidade de saneamento levou à sua canalização, e o automóvel ao seu desaparecimento”. Enfim, ficando longe de ser considerados na paisagem da cidade.

A degradação dos recursos hídricos de uma cidade faz com que sua população perca a referência com o elemento natural e esqueça da importância deste para sua sobrevivência. A população passa a literalmente dar as costas para o rio e esta atitude traz consigo grandes prejuízos ambientais e também sociais. O rio se torna objeto de uma constante negação por parte da vida urbana.

Segundo Costa (2002, p. 38), os rios tornam-se assim paisagens invisíveis, pois ao longo do processo de urbanização, muitos rios têm os seus percursos alterados ou adulterados, onde as margens e o fundo do leito são revestidos em concreto. O que pode ser visto, na verdade, é que “nas grandes cidades, para um pequeno rio a

travessia da cidade é sempre uma tarefa quase impossível. Ao contrário de grandes rios, pequenos rios e córregos são altamente vulneráveis e acabam sucumbindo ao ataque do urbano que lhe é próximo”.

Em geral, a elaboração de planos de ocupação do solo sem levar em consideração a forma do terreno tinha como base o desejo de fazer prevalecer o conhecimento do ser humano, onde não se admitia a hipótese de alterar os traçados e projetos urbanísticos em vista de um condicionante físico. A falta de consideração da hidrologia urbana no planejamento fica evidente quando todos os problemas citados anteriormente não só continuam existindo como são agravados a cada dia, e isto ocorre devido ao fato do meio estar em desequilíbrio.

Aí entram em cena as intenções de resgatar os sistemas naturais de volta à vida. A palavra “revitalizar” nunca fez tanto sentido. O rio urbano é sem dúvida o mais importante símbolo da interação homem-natureza, e que resgatando com sucesso, será gerada uma atitude de grande respeito à natureza, trazendo a população à literalmente lembrar que o rio é a verdadeira gênese da atividade humana naquele local, que o rio é um símbolo da vida da cidade, além de ser um elemento de grande relevância no que diz respeito à qualidade ambiental e qualidade de paisagem, quando corretamente inserido e tratado.

Partindo deste princípio, a referência do rio como um indicador da qualidade ambiental de uma cidade, é fundamental para produzir uma série de novas atitudes comportamentais e culturais, que por sua vez resgatarão outros sistemas naturais urbanos que já se encontram mortos.

#### 5.4. A CONDIÇÃO CULTURAL E SEUS REFLEXOS NA QUALIDADE DA PAISAGEM

Segundo Castro (2002) ao se considerar a paisagem como aquilo que se vê ela fica sujeita a receber classificações que variam de acordo com o seu observador, que a julga de acordo com seus conceitos e vivências e sendo assim, a paisagem adquire um caráter cultural, pois nela cada sujeito pode ver um significado e assim também uma parte de sua história.

Para Cruz (2002), em *As paisagens artificiais criadas pelo turismo* a paisagem pode ser analisada por meio do aspecto visual, que varia de acordo com a percepção do observador, e pelo aspecto social, refletindo a realidade de um local em determinado período. Pode ser analisada, também, como elemento fixo em constante transformação, como reflexo do espaço, ou seja, quando o espaço se transforma simultaneamente a paisagem também se transforma. Por último, a paisagem pode ser analisada como uma realidade complexa, pois homem e natureza modificam a paisagem num determinado tempo.

Para Cruz ainda (2002, p. 107) a paisagem possui três características fundamentais em uma análise espacial: concretude, arranjos de formas naturais e antrópicas; fixidez espacial, fixo no espaço; e dimensão histórica, que mudam com processos naturais e, principalmente, com processos sociais. Além de tais elementos, a paisagem é carregada de signos culturais, que povoam o imaginário das pessoas e é sob este aspecto que o turismo as explora.

É possível fazer um rápido estudo em algumas cidades ao redor do mundo e analisar como são tratados e usados alguns rios urbanos criando ligações entre as condições culturais do local e seus reflexos na qualidade estética e no uso de seus rios.

Para COSTA (2002) os diferentes tratamentos, usos e apropriações dos rios urbanos em diferentes cidades nos mostram as especificidades culturais e muitos outros valores, com uma repercussão direta na qualidade da paisagem.

A maioria de importantes cidades de países desenvolvidos que se formaram devido à existência dos rios como Paris, Londres, Chicago há muito tempo buscam a melhoria da qualidade ambiental ao longo de seus cursos e conseqüente aproveitamento e valorização da paisagem tornando-os espaços públicos para sua população.

Em Paris, o rio Sena teve um papel importante no crescimento da cidade e no seu traçado. Quando estudado o desenho urbano e os espaços públicos de Paris, é muito difícil não destacar a importância das intervenções barrocas. Para Mann (1973, p. 63), os traçados dos *boulevards* e das avenidas abertas pelo Barão de Haussmann, que foi o grande remodelador de Paris, tiveram sua origem muito antes desta época, e são resultado de uma sensibilidade ambiental que tem sua raiz no rio Sena.

A localização e orientação, na construção da paisagem urbana às margens do rio, parecem não ser fruto do acaso. Na verdade, observando o mapa de Paris, percebe-se que o plano, assim como suas paisagens mais representativas, tem seus traçados influenciados pela força da água e a presença do rio. O Sena parece ser um elemento permanente propulsor da paisagem urbana. Pode-se perceber que a construção de grandes edifícios em Paris era voltada para o rio, como é o caso do Museu do Louvre, assim como é possível ver a influência do rio na criação da Avenida Champs Elysée, a qual se situa tangente ao rio Sena intencionalmente.

Ao longo dos 12 km em que o rio Sena cruza o tecido urbano parisiense, podemos encontrar jardins e parque públicos, praças, além de equipamentos culturais e esportivos. Segundo Costa “mais do que suas características ambientais e ecológicas, o reconhecimento deste rio urbano enquanto Patrimônio da Humanidade destaca suas qualidades excepcionais enquanto paisagem cultural, ou seja, uma paisagem reinterpretada, transformada e reconhecida – neste caso – enquanto obra de arte” (PORATH, 2004, p.36).

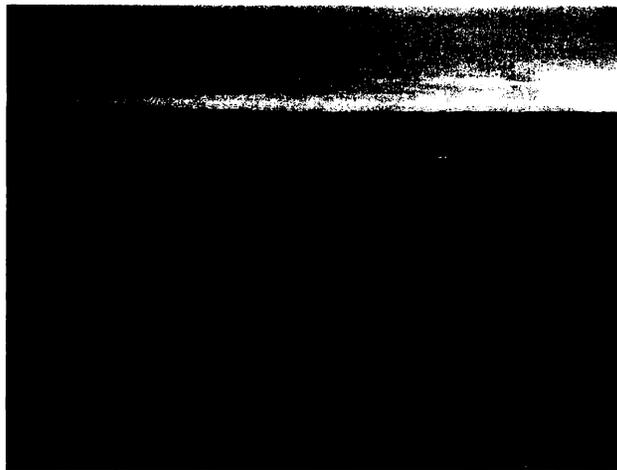


FIGURA 1: VISTA DO RIO SENA - PARIS.

FONTE: DANIEL M. ZAN, 2008



FIGURA 2: ESPAÇOS PÚBLICOS AO LONGO DO RIO SENA EM PARIS

FONTE: [WWW.PROTOS.DIS.ULPGC.ES](http://WWW.PROTOS.DIS.ULPGC.ES) (2005)



FIGURA 3: RIO SENA EM PARIS

FONTE: [WWW.PROTOS.DIS.ULPGC](http://WWW.PROTOS.DIS.ULPGC)(2005)

Londres não construiu muralhas sucessivas que abarcassem o seu crescimento e, como consequência, aconteceu o espraiamento casual do tecido pelo território. Este tecido apresenta um pattern particular e excêntrico, que se fundiu ao plano regencial e uniforme de Jonh Nash, arquiteto e urbanista inglês. Mann (1973) acredita que o ponto em comum entre todos estas partes de Londres é o rio Tâmis, um rio ligado à Arte, à Arquitetura e à História, sempre presente no imaginário da cidade. Embora Londres seja uma cidade com um marcante passado industrial, que deixa suas marcas, agora é considerada uma cidade "verde", orgulhosa de seus parques, praças e espaços públicos.

Atualmente dá para se dizer que o Tâmis é uns dos mais limpos estuários metropolitanos do mundo. E depois de alguns anos de trabalho o rio Tâmis voltou a ser um dos cartões postais de Londres, como mostram as fotos a seguir, sendo muito utilizado pela população principalmente como espaços públicos e de lazer.

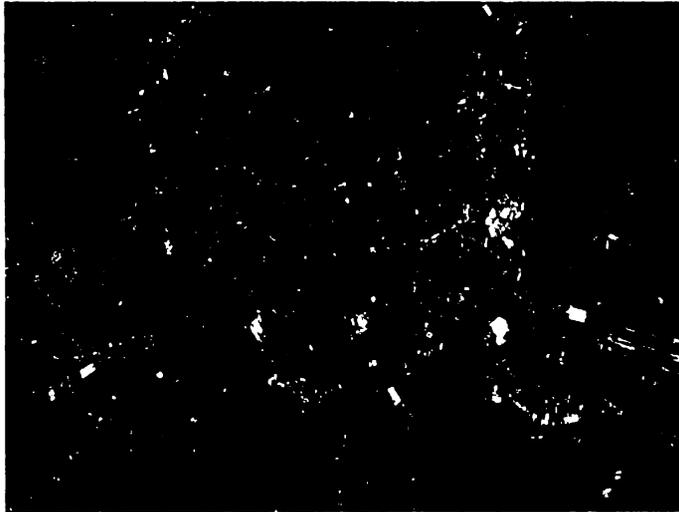


FIGURA 4: VISTA AÉREA DE LONDRES.

FONTE: [WWW.LONDONSOUTHCENTRAL.UK.COM](http://WWW.LONDONSOUTHCENTRAL.UK.COM), 2001



FIGURA 5: VISTA DO RIO TÂMISA - LONDRES.

FONTE: [WWW.LONDONSOUTHCENTRAL.UK.COM](http://WWW.LONDONSOUTHCENTRAL.UK.COM), 2001

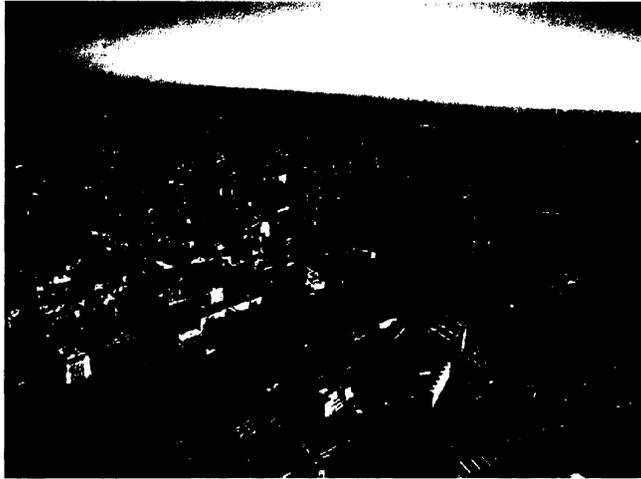


FIGURA 6: VISTA DO RIO TÂMISA - LONDRES.

FONTE: WWW.LONDONSOUTHCENTRAL.UK.COM, 2001

A cidade de Hamburgo na Alemanha situa-se a 115 km da foz do rio Elba e é uma cidade portuária densamente urbanizada às margens do rio. Outros dois rios, o Alster e o Bille desembocam no Elba também em Hamburgo. O antigo núcleo urbano situa-se as margens do Alster e no desenvolvimento posterior a cidade passou a acompanhar o curso do Elba. A cidade é cortada por canais e há um grande contato com as águas do rio através de suas margens e também pelo turismo fluvial. Quando as águas do rio Alster congelam a população sai às ruas comemorando, em uma grande festa, esse fenômeno natural (figura 08).



FIGURA 7: MARGENS DO RIO ELBA EM HAMBURGO.

FONTE: SCHLUSSELBURG & SCHUMANN, 1997



FIGURA 8: FESTA PARA O RIO ALSTER EM HAMBURGO.

FONTE: SCHLUSSELBURG & SCHUMANN, 1997

Nos Estados Unidos, as melhorias no transporte por água levaram ao surgimento de algumas cidades fluviais e lacustres americanas, particularmente New Orleans, Saint Louis, Cincinnati, Detroit e Cleveland, e o crescimento de muitos centros no centro-oeste, especialmente Chicago. Muitas das cidades surgiram nas margens do rio Mississippi. O rio Mississippi passa por sete estados dos Estados Unidos quase de um extremo ao outro e agora é uma importante hidrovia comercial. Sua importância cresceu na segunda metade do século XX, após a entrada em operação de um complexo sistema de controle da vazão da água.



FIGURA 9: VISTA DO RIO MISSISSIPPI – ESPAÇO PÚBLICO – SAINT LOUIS.

FONTE: LILIANE VORTOLIN, 2004

Em todas estas cidades é possível perceber que os esforços destinados a projetos de recuperação das áreas ao longo dos rios e projetos de despoluição de suas águas não são em vão, pois, em todas elas, conseguiu-se resgatar a relação deste elemento natural com o meio urbano e agora estes cursos d'água voltaram a fazer parte do desenho e da vida urbana dessas cidades. E além do valor estético dos rios que compõem as paisagens ao longo de seus cursos, os rios se transformaram em área de lazer onde a sociedade pode utilizar os espaços gerando um bem estar mental e social na população. E mais ainda, essas áreas se transformaram em importantes pontos turísticos das cidades.

No Brasil, com o crescimento econômico e a concentração populacional crescente, o processo de urbanização ganha força e se expande para novas áreas. E, de um modo geral, quanto maior a urbanização maior a alteração da paisagem.

É possível ver em algumas cidades brasileiras que os rios que estavam lá quando a cidade começou, estão marginalizados, quando não, canalizados e escondidos. Inclusive, as áreas nobres e de maior valor para as cidades, se encontram em locais antípodas ao rio, no alto dos divisores de águas, longe dos cursos d'água. Para as margens dos rios, ficam reservados espaços neutros, totalmente esquecidos principalmente no que diz respeito à qualidade da paisagem, não tendo nenhum proveito pela sociedade sendo de pouco valor para as classes altas sociais, e conseqüentemente, de alto valor para as classes baixas que acabam se apropriando desses espaços ociosos de forma inadequada prejudicando principalmente a qualidade ambiental de tais elementos naturais.

Como foi dito anteriormente, o rio incorpora a atitude comportamental e o momento cultural da sociedade em que ele se encontra, e é possível notar este reflexo com facilidade no Brasil, onde os cursos d'água são tratados como canais receptores de resíduos, algo indesejável de se ter por perto.

Nas cidades brasileiras os rios urbanos são aterrados total ou parcialmente, tratados como fundo de lote ou são tratados como avenida-canal, como no exemplo do Arroio Fundo no Rio de Janeiro (figura 10).



FIGURA 10: O ARROIO FUNDO PASSANDO AO LADO DA AVENIDA AYRTON SENNA SERVE APENAS PARA ESCOAR O ESGOTO DE GRANDE PARTE DE JACAREPAGUÁ PARA O COMPLEXO LAGUNAR DA BAIXADA DE JACAREPAGUÁ, ENTRE ESTE E A BARRA DA TIJUCA.  
FONTE: DANIEL DELVAUX JAULINO, 2004.

É possível analisar vários exemplos de cidades brasileiras e na maioria delas percebe-se a desvalorização das paisagens ribeirinhas e a degradação do elemento natural, nas águas poluídas e no desmatamento da vegetação. Na cidade de Recife as construções de igrejas, teatros, embora situadas junto ao rio Capibaribe, dão as costas para ele, ou seja, o rio fica relegado a uma posição secundária no cenário urbano.

A cidade de Curitiba possui parques para a prevenção de cheias nas regiões mais periféricas da cidade, mas na região central o rio torna-se um canal de lixo, como o caso do rio Belém como mostra a figura 11, ou então é canalizado e desaparece do mapa e da paisagem.



FIGURA 11: RIO BELÉM EM CURITIBA  
FONTE: WWW.BANDPENORIO.COM.BR, 2006

Os rios centrais da cidade de São Paulo, o Tamanduateí, Anhangabaú, Pinheiros e o Tietê, estão totalmente desfigurados, sujos, densos, cobertos, quase sem vida. Inconscientes de sua existência, os paulistanos passam velozmente por eles nas marginais, sobre eles nos viadutos ou sob eles como no caso do rio Pinheiros, como pode ser observado nas figuras a seguir. Enfim, não são considerados em termos paisagísticos e ambientais.

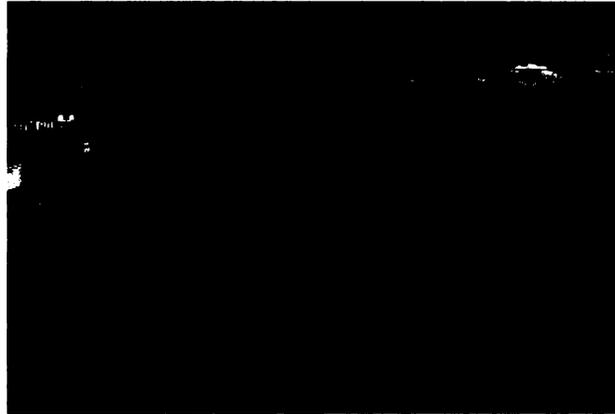


FIGURA 12: RIO TIETÊ EM SÃO PAULO  
FONTE: [WWW.AOL.KLICKEDUCACAO.COM.BR/](http://WWW.AOL.KLICKEDUCACAO.COM.BR/) 2005.

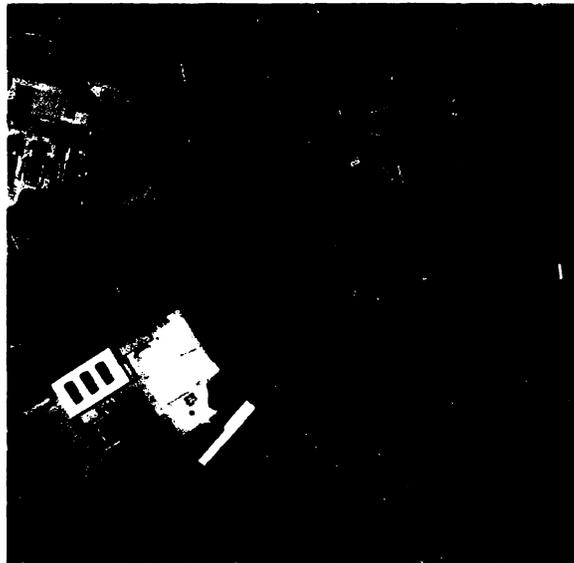


FIGURA 13: RIO TIETÊ EM SAO PAULO. TOTALMENTE ENVOLVIDO POR VIAS MARGINAIS.  
FONTE: [WWW.SABESP.COM.BR,](http://WWW.SABESP.COM.BR/) 2006



FIGURA 14: VIAS MARGINAIS AO LADO DO RIO TIETÉ EM SÃO PAULO  
FONTE: [WWW.SABESP.COM.BR](http://WWW.SABESP.COM.BR), 2006



FIGURA 15: VIAS MARGINAIS AO LADO DO RIO TIETÉ EM SAO PAULO  
FONTE: [WWW.AOL.KLICKEDUCACAO.COM.BR/](http://WWW.AOL.KLICKEDUCACAO.COM.BR/) 2004.

Em geral, as cidades brasileiras não valorizam as paisagens ao longo de seus rios, pelo contrário, estes são marginalizados ou escondidos. Mas algumas cidades já começam a pensar em uma forma de resgatar esses espaços, não só pelo resgate estético da paisagem, mas principalmente pelas graves problemáticas ambientais que são causadas devido à degradação de seus leitos e de suas margens.

Os projetos de canalização dos rios, embora possam ser considerados corretos sob o aspecto técnico, não consideram os aspectos naturais, eliminando sumariamente funções importantes que caracterizam pequenos rios e córregos urbanos, que é a de corredor biológico e parte do ciclo hidrológico. Por este aspecto, estas soluções representam a morte do rio enquanto um sistema biológico rico e complexo.

## 5.5. ACESSO E VISIBILIDADE DOS RIOS

Referindo-se ao habitat humano, Tuan (1980) afirma que a maneira do homem se relacionar com o meio ambiente têm muito a ver com as formas topográficas e o grau de visibilidade nas paisagens onde instala seu habitat (FRANCO, 2000).

O acesso, tanto físico quanto visual, às áreas dos rios é muitas vezes quase inexistente isto devido ao desenho inadequado das cidades. O processo de urbanização não só isola os rios do convívio humano como muitas vezes obstrui o acesso visual ou mesmo físico a eles. Porém, esses ambientes naturais são paisagens com grande demanda de acesso por parte da população devido às suas qualidades sensoriais e pela própria oportunidade de realizar atividades de lazer e para se refugiar do meio urbano estressante buscando uma paisagem com características diferenciadas e buscando uma ligação com a natureza.

Quando este acesso não ocorre, os espaços “escondidos” tornam-se vulneráveis a agressões humanas, pois geralmente quando os rios são espaços invisíveis nas cidades eles se transformam em alvo de lixo e degradação, aumentando o desprezo da população por este elemento natural.

Um dos aspectos importantes para as pessoas se sentirem confortáveis para usufruir um determinado espaço é o acesso visual. De acordo com Carr (1992), a visibilidade parece ser uma importante particularidade no julgamento da segurança de um espaço. Portanto, se as pessoas conseguem enxergar um espaço, elas se sentem convidadas e seguras para utilizá-lo. Para os espaços livres que envolvem os rios urbanos o acesso visual significa mais do que o senso de segurança e sim uma forma de atrair pessoas para estes espaços.

Para Manning (1997), os rios trazem experiências complexas para a contemplação humana, que no mínimo consiste no mágico movimento de suas águas correntes, que são extremamente atrativas. Mas a contemplação de águas ribeirinhas não é o bastante, o contato físico com todos os materiais e vidas existentes no rio são almejados. Ele argumenta que as margens ribeirinhas são mais que oportunidades de criar caminhos, possuindo zonas ricas tanto em termos humanos quanto naturais, e

tornando assim a integração de diferentes usos e interesses uma possibilidade eminente nos projetos de intervenção paisagística.

Outra questão defendida por Manning é que a atração exercida pelo rio, que inclui suas águas e margens, é aumentada pelo constante atrativo daquilo que existe no outro lado. A exploração é uma necessidade humana, e descobrir lugares e experiências novas é um estímulo agradável oferecido pelos espaços livres públicos às pessoas, além de ser um aprendizado social e intelectual para as crianças.

O acesso visual e o fato de poder passar sobre as águas são sempre apelativos para o vínculo social e afetivo com o rio.

O acesso da população aos espaços dos rios é um direito de todos os cidadãos e promove a inclusão social, estimulando o desenvolvimento nas áreas onde este se encontra, seja no meio urbano ou rural. Ampliando a conscientização e o reconhecimento do espaço das águas como um bem precioso e escasso e de grande valor na qualidade da paisagem em que está inserido. A acessibilidade obtida através do acesso visual propicia um comportamento ambientalmente responsável. A visibilidade e o acesso público são uns dos importantes critérios de projeto para valorização dos rios urbanos. O acesso visual à água promove uma responsabilidade ambiental por parte da população.

A partir do momento em que a sociedade consegue voltar a enxergar que os elementos naturais são de vital importância para seu desenvolvimento, que estes podem trazer benefícios até mesmo para o desenvolvimento econômico de uma região, além, é claro, na melhoria da questão ambiental, a população fará questão de revitalizar os sistemas naturais já comprometidos do meio onde vive, fazendo com que a natureza se sobressaia e tenha uma saudável interação com o meio urbano onde está inserido.

Uma população que conhece as belezas de sua cidade, que as vê no cotidiano, que sabe que pode utilizá-la a qualquer hora e vê que o poder público se faz presente mantendo a ordem, colabora cuidando bem do que é seu. Se ao invés disso, vê que o local não é cuidado, lhe falta ordem, não se anima a cuidá-lo, pois se sente incapaz de sozinho mudar a situação.

Quando os rios estão inseridos no desenho da cidade, quando a relação entre o elemento natural e o meio urbano é existente e a população pode desfrutar de tais

espaços, além de ser gerada uma condição de cidadania promove o respeito pela cidade e seus elementos.

## 5.6. REVALORIZAÇÃO DA PAISAGEM

Embora pareça ser uma questão muito atual, os primeiros estudos sobre as paisagens dos rios iniciaram-se durante as décadas de 60 e 70, na Inglaterra e nos Estados Unidos, quando se percebe que muitos dos rios urbanos transformaram-se em áreas degradadas. Como consequência da negligência, ou de uma abordagem tecnicista da Engenharia, fazendo canalizações e fechamentos em concreto, as grandes concentrações urbanas lançam esgotos nos cursos d'água, agravando a poluição dos rios de forma rápida e preocupante. Porém, nos últimos anos, dá-se início a uma compreensão da importância do uso dos rios para espaços públicos, isso se dá principalmente pela necessidade de reencontrar a natureza no meio urbano, para tentar reverter a situação de degradação ambiental que causam danos às cidades e de buscar uma melhoria na paisagem ao longo dos cursos d'água.

Os rios acabaram sendo pensados como obstáculos a serem transpostos ou recursos para o uso industrial. Atualmente há uma tendência em utilizar as áreas ribeirinhas como oportunidades para recreação e como potenciais espaços públicos urbanos. Carr (1992) acredita que, algumas vezes, estas áreas podem permitir a preservação natural, mas na maior parte das vezes o uso destes espaços tenderá para a criação de espaços livres públicos urbanos, tão importantes como foram os grandes parques do século XIX.

Projetos de revitalização de cursos d'água congregam diversos aspectos, geralmente incongruentes ou em conflito, como por exemplo, uma reestruturação hidrológica e a proteção de inundações, ou a qualidade de vida na cidade, assim como a renovação da paisagem urbana.

A grande problemática ambiental decorrente das alterações morfológicas e hidrológicas ao longo dos cursos d'água que freqüentemente acarretam inundações, a poluição das águas, a criação de áreas verdes para proteção dos mananciais e nascentes e para a recuperação ambiental nas margens dos rios urbanos e a

necessidade de uma regeneração da paisagem visando a melhoria da qualidade de vida da população, geraram um aumento nos estudos e análises para recuperação e revitalização das áreas próximas aos rios.

Yázigi (2003) ressalta a necessidade de maior rigor em relação às questões ligadas à paisagem, tanto no que diz respeito à valorização da terra como também à limitação da ação do capital, à necessidade de se fazer valer o patrimônio ambiental urbano, à realização de projetos de revitalização, ao aprimoramento da cultura de todo cidadão e à ação local e nacional. O autor ressalta, ainda, que a violência e a pobreza afastam os turistas de seus destinos turísticos, podendo gerar, muitas vezes, a criação de máscaras para um determinado lugar, como a construção de locais fechados que tentam, pois não necessariamente conseguem manter os turistas longe de tais realidades.

O aproveitamento das margens dos rios para o lazer e turismo é cada vez mais freqüente, ainda mais considerando que a formação desses espaços públicos cria uma proteção contra os freqüentes alargamentos de leito durante as chuvas de verão. Os parques marginais geralmente criados, podem funcionar como barreiras à ação danosa das águas formando bacias de acumulação com áreas previamente planejadas para serem inundadas de modo a evitar que a água atinja áreas habitadas.

Levando em consideração que os pontos primordiais para a revitalização de um rio são os tratamentos de esgoto e de águas pluviais, porém, é muito importante quando a população trabalha junto. A poluição da águas é um problema complexo que envolve várias causas bem diferentes. Porque na verdade a despoluição de um rio não termina tão facilmente, mas sim, vira um ato contínuo de conscientização e responsabilidade de todos.

A questão da recuperação dos sistemas naturais desequilibrados cruza também com a questão política e educacional. Em um modelo de governo democrático, assim como se tem no Brasil, é normal esperar que a administração tome as providências necessárias para tratar de recuperação ambiental. Nesse modelo, quando administrados passivamente, os mais enfáticos esforços para salvar um rio ou uma mata nativa podem ser em vão se não houver uma participação constante da sociedade.

Além da regeneração do elemento natural e necessidade de despoluição das águas dos rios, vários aspectos espaciais podem ser analisados para os projetos de intervenção visando a renovação da paisagem urbana.

Um deles é quando o elemento cultural passa a ganhar destaque e se coloca como referência específica traduzida para as formas espaciais, que configuram paisagens. A memória histórica é um bom exemplo dessa situação, quando se busca reafirmá-la por meio de um resgate espacialmente traduzido em monumentos e marcos. Além do próprio resgate para a contemplação com a criação de parques e espaços para a prática de esportes e lazer e também voltados ao turismo.

A representação da metrópole comporta idéias paradoxais como a de abertura de “janelas para os rios”, que aparecem sob novas formas paisagísticas, novos usos e mesmo sob novas formas diferenciadas de gestão. A medição disso tudo se dá, em grande parte, pelo elemento cultural, que se torna emblemático nas propostas de intervenção urbanística que se propõe à “revitalização” do espaço.

Ainda que os elementos da paisagem tragam também uma carga de informação sobre a cultura regional para o próprio habitante da cidade, muitas vezes por ele desconhecida, a cidade voltada para o turismo não esta descartada e acaba por assumir um determinado peso enquanto projeto de “revitalização” urbana; razão pela qual os conteúdos que preenchem essas paisagens e essas formas paisagísticas e arquitetônicas estão carregadas de apelo turístico e de marketing sobre a própria cidade. Nessa perspectiva, o paisagismo parece querer recapturar paisagens perdidas e mesmo culturas devastadas no ambiente metropolitano no qual se insere. É assim que o rio volta a ser considerado como elemento de destaque na recomposição da paisagem urbana que se quer projetar e representar (TRINDADE, 2004).

Entretanto, em todo projeto de intervenção devem ser analisados o espaço vivido e os resíduos da vida urbana para que as novas propostas atendam com uma projeção mais social, não ficando restritos a pequenas parcelas da população. Os espaços livres podem ser espaços capazes de subverter a segregação social crescente, favorecendo a diversidade social. Os espaços livres são os lugares por excelência das intervenções capazes de conciliar, numa relação coerente, questões ambientais e sociais aparentemente insolúveis e distantes. É importante também que se consiga potencializar esses novos espaços na tentativa de uma reafirmação de uma possível identidade ribeirinha da cidade.

Os projetos e planos de revitalização devem ter uma flexibilidade para expressar uma compreensão da paisagem como uma rede de relações em evolução e, assim,

apresentarem modelos alternativos capazes de ampliar a percepção ambiental dos usuários.

É importante perceber que, não bastam apenas intervenções pontuais, visando a melhoria de trechos específicos, emoldurando um cenário a beira-rio, com atividades mais voltadas para uma determinada fração de habitantes, ou ainda, mostrá-la simplesmente como uma vitrine para quem a visita. O desafio é resgatar a relação do rio, elemento natural, com o meio urbano e com a vida da cidade. Fazer com que o rio volte a ser inserido no desenho urbano das cidades.

Conforme Sanches (1999), o urbanismo que está pautado em intervenções pontuais, transformadas em verdadeiras vitrines daquilo que procura ser traduzido como expressões espaciais da “imagem” da cidade é considerado como o “urbanismo espetáculo”. Através do “urbanismo espetáculo” são criados e/ou reforçados valores culturais e representações sociais que formatam comportamentos e definem a utilização de espaços públicos com verdadeiras subtrações do direito à cidade, no melhor estilo daquilo que é possível chamar de “não-lugar”, como diz CARLOS (1996).

Para Pellegrino (2003) a requalificação da paisagem fluvial, como decorrência do processo de avaliação e construção de um lugar, requer, portanto, o estabelecimento de novos modos e formas de criação, que incorporem, em sua formulação, conceituação e geração, valores que ultrapassem os limites das áreas específicas de intervenção, em sua adequação à vida urbana, compatibilizando-se com os demais elementos que concorrem para a formação da cidade e sua região. É necessário imaginar uma mudança de ambiente que enriqueça a vida cultural e redesenhe a ligação do ser humano com a natureza. Uma inovação significativa pode vir de uma mudança no modo como são projetados os espaços livres ao longo do rio. Esses espaços livres, como a interseção, por definição, dos espaços construídos e naturalizados, podem assumir novos papéis nesta religação entre a cidade e seu suporte biofísico.

Portanto, vê-se a necessidade de criar projetos com um grau de flexibilidade, que consigam representar a paisagem como um elemento vivo e conseguindo ampliar a percepção dos usuários e fazendo com que estes assumam sua real condição de cidadania. Este exercício ético, que se propõe na escolha entre diversas alternativas

informadas sobre o redesenho da paisagem, dentro de uma ampliação constante do repertório informacional de seus usuários, pode fazer dos projetos instrumentos para uma rearticulação da sociedade com a natureza.

A revitalização das áreas próximas aos rios urbanos pode transformar tais eixos em importantes corredores turísticos nos centros urbanos, fazendo a ligação entre importantes áreas verdes e favorecendo também na valorização da paisagem com a re-inserção de faixas verdes que contribuem para a melhoria da paisagem e qualidade de vida.

Dentro das cidades, os governos locais, ao reconhecerem a importância do turismo para a economia, têm investido em infra-estrutura básica e turística, motivando a atração de investimentos externos, como a indústria hoteleira, de alimentos e bebidas e entretenimento, em especial. O poder local ao investir no turismo, contribui para a melhoria da qualidade de vida de seus habitantes, pois praticamente tudo o que é criado atende aos turistas e aos habitantes. A democratização dos espaços públicos de lazer bem como a gestão participativa, na tomada de decisões pode contribuir para a modificação deste quadro, fazendo com que a população se sinta co-responsável pela manutenção dos espaços.

## 6. RIOS URBANOS E USOS TURÍSTICOS

Em muitas cidades onde há a presença de um rio em seu meio urbano, percebe-se que são cada vez mais intensos os trabalhos para recuperar os danos causados pelo adensamento urbano de forma desordenada. Visando tanto a recuperação de suas águas poluídas, ou tentando criar faixas de alargamento para atender os períodos de cheias evitando as grandes enchentes e ainda como uma forma de re-inserir a natureza nas cidades.

Neste capítulo serão expostos, alguns projetos de revitalização para áreas ribeirinhas em algumas cidades no mundo, com diferentes características culturais, a fim de analisar como tais projetos abordam as questões referentes à paisagem de seus rios urbanos e como se dá a inserção do rio no meio urbano em cada caso.

Apesar de cada projeto ter suas características particulares, é possível perceber que a maioria deles visa a valorização da paisagem, com a criação de espaços públicos ao longo das margens dos rios e proporcionando maior visibilidade e também maior acessibilidade ao rio.

Em Paris, foi criado em 2003, pela municipalidade, o Paris Plage. Este projeto é uma operação urbana efêmera que ocorre nos meses de verão em 3,8 km da margem direita do rio Sena que transforma uma via expressa, no coração da cidade, em uma estação balneária. O caráter de praia é sugerido pelo tratamento paisagístico, que usa de diversos artifícios projetuais, criando inclusive um trecho em areia e com plantação de palmeiras importadas.

Para transformar as margens do rio Sena em várias praias foram transportadas cerca de 1.500 toneladas de areia em um único comboio pelo rio que atravessa a cidade. Ao longo das 3 praias artificiais os visitantes podem se refrescar com chuveiros e duchas artificiais, 7 fontes de água potável e uma piscina de 110 metros destinada principalmente às crianças. Durante os meses de verão crianças, jovens e idosos podem desfrutar de várias atividades culturais e esportivas que são realizadas nas praias artificiais.

Este projeto permite que pessoas de diferentes grupos sociais desfrutem do rio. Incentiva a visibilidade e promove a sua apreciação como elemento de beleza natural, como o objetivo de contemplação estética.

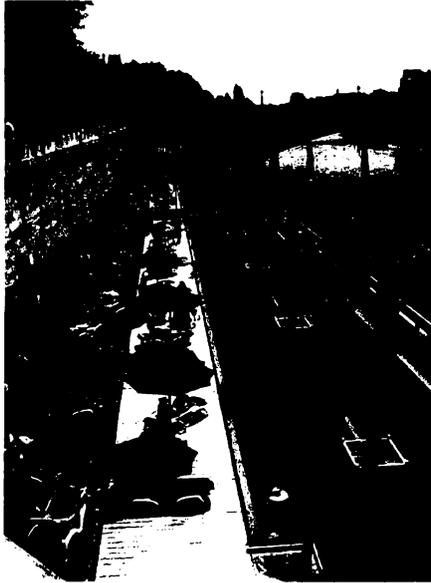


FIGURA 16: VISTA DA PRAIA ARTIFICIAL NAS MARGENS DO RIO SENA – PARIS PLAGE  
FONTE: WWW.IFREMER.FR, 2005



FIGURA 17: POPULAÇÃO NA PRAIA ARTIFICIAL NAS MARGENS DO RIO SENA – PARIS PLAGE  
FONTE: WWW.URBAN.CSUOHIO.EDU, 2005



FIGURA 18: PRAIA ARTIFICIAL TAMBÉM SENDO UTILIZADA À NOITE – PARIS PLAGE  
FONTE: WWW.URBAN.CSUOHIO.EDU, 2005

A cidade de Denver nos Estados Unidos tem o rio South Platte que cruza seu centro urbano. A faixa verde do rio, chamada de Greenway, abrange aproximadamente 17 km ao longo de suas margens passando pelo centro histórico da cidade. Antes da implantação de um comitê de desenvolvimento chamado Greenway Foundation, o rio era gravemente poluído e nada apropriado para o uso recreativo.

O comitê teve como objetivo de transformar o rio em uma amenidade recreativa foi estabelecido. A visão incluía transformar o South Platte navegável criando espaços abertos e parques ao longo de suas margens, trilhas para pedestres e conectá-lo aos parques e áreas recreativas existentes. Desde 1974 o projeto de recuperação do rio resultou na sua completa limpeza custando cerca de 1 bilhão de investimentos em desenvolvimento ao longo de suas margens, assim como, a criação de ciclovias, áreas para marinas e parques públicos.

Estes espaços são muito utilizados pela população além de contribuírem para a revitalização do centro da cidade de Denver. Os parques urbanos e espaços abertos ao longo do rio servem como modelo de recuperação para todo o país, e abrem as portas para programas já premiados de educação ao ar livre, onde centenas de jovens podem ter aulas sobre a história da cidade.



FIGURA 19: RIO SOUTH PLATTE EM DENVER – EUA  
FONTE: WWW.BRUNERFOUNDATION.ORG, 2006.



FIGURA 20: JOVENS UTILIZANDO O RIO PARA ATIVIDADES ESPORTIVAS – DENVER-EUA  
FONTE: WWW.BRUNERFOUNDATION.ORG, 2006.

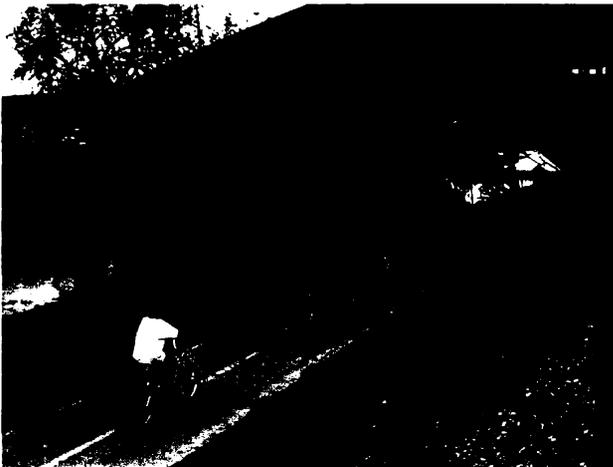


FIGURA 21: CICLOVIAS AO LADO DO RIO – DENVER-EUA  
FONTE: WWW.BRUNERFOUNDATION.ORG, 2006.

Para um exemplo brasileiro, pode ser analisada a cidade de São José do Rio Preto, em São Paulo, onde foi projetado um espaço destinado ao Parque Setorial de fundo de vale.

À medida que a faixa de proteção do rio Preto e do córrego da Piedade penetra na área urbanizada, ela se alarga configurando o Parque Setorial, fixando-se principalmente nos terrenos ainda não ocupados dos vales daqueles rios.

O Parque Setorial estende-se dentro dos limites urbanos linearmente por 17 km, com uma largura média de 300 metros, formando uma área verde destinada à recreação e a prática de esportes, com arborização significativa e situação estratégica, acessível a toda a população da cidade. Devido à sua extensão, o parque foi dividido em trechos a fim de que sua implementação atendesse as necessidades de urbanização com equipamentos de parque de acordo com o crescimento da cidade.

Além do suprimento de área verde equipada para lazer e esporte, de proteção ambiental e melhoria da qualidade de vida urbana, o parque tem como objetivo a proteção às várzeas e áreas adjacentes dos vales como calhas naturais de drenagem. Dessa forma, o escoamento das águas pluviais captadas nas glebas urbanizado ao longo do parque serve para minimizar o problema das enchentes.

O leito natural do curso d'água foi aproveitado como potencial paisagístico no projeto do parque, abandonando definitivamente as soluções de canalização. A vegetação significativa existente foi mantida e complementada com espécies típicas da região e mais adequadas às funções de parque público em zonas especiais de fundos de vale.



FIGURA 22: VISTA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SÃO PAULO  
FONTE: WWW.RIOPRETO.SP.GOV.BR, 2005.



FIGURA 23: VISTA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SÃO PAULO  
FONTE: WWW.RIOPRETO.SP.GOV.BR, 2005.

Os exemplos apresentados neste capítulo mostram como foi importante para estes espaços ribeirinhos a requalificação e revitalização ambiental e paisagística. Os espaços tornam-se mais freqüentados pela população para a prática de esportes e para o lazer, como é possível observar no caso do rio Sena, além de contribuir significativamente para a qualidade da paisagem das cidades com espaços verdes de grande valor paisagístico nos centros urbanos das cidades apresentadas. A seguir, será exposto o estudo de caso realizado na cidade de Curitiba onde são analisadas as condições das paisagens ao longo das margens do rio Belém.

## 7. PESQUISA EMPÍRICA

Este estudo de caso tem como objetivo abordar o uso dos recursos naturais na cidade de Curitiba, em especial o caso do Rio Belém, mais especificamente, os problemas de degradação provocados pelo processo de urbanização nas faixas de preservação deste rio e as áreas verdes remanescentes e preservadas ao longo da bacia. Aqui serão apresentados a metodologia utilizada e os resultados e análise dos dados.

### 7.1. METODOLOGIA

A pesquisa realizada teve como intenção investigar a atual (ano base: 2008) situação das margens do rio Belém, em Curitiba e como o rio é inserido no traçado urbano da cidade. Para isso foi necessário percorrer toda a extensão do curso d'água a fim de analisar as características de cada local. Ao final da análise pôde-se verificar como as áreas verdes revitalizadas e preservadas ao longo da bacia do Belém contribuem na atratividade turística da cidade e na qualidade da paisagem.

O método utilizado foi o qualitativo de estudo de caso, utilizando a observação como técnica para a coleta de dados. Para a realização do trabalho foram utilizados dados secundários, obtidos em obras bibliográficas, em relatórios de pesquisas anteriores sobre o tema, além disso, foi realizado um levantamento fotográfico nas áreas de estudo.

Fazer pesquisa é observar a realidade. Todos nós constantemente observamos para obter informações sobre o mundo. Muitos dados de que o pesquisador necessita podem ser obtidos pela observação direta das situações adequadas. A grande vantagem das técnicas de observação é o fato de permitirem o registro do comportamento no momento em que este ocorre. (DENCKER, 2002, p. 103)

Como procedimentos teve-se: a coleta de dados físicos e antrópicos e informações referentes à área de concentração definida para estudo, por meio de arquivos e levantamentos existentes, material gráfico, inserção regional, parâmetros de

uso e ocupação do solo, zoneamento e pesquisa de campo. A visita a campo para análise da situação atual, com levantamentos fotográficos da paisagem local.

Na visita aos locais de estudo foram observados os seguintes critérios: faixa de preservação ao longo do rio, ocupação marginal, disponibilidade de equipamentos de lazer ao longo do rio, arborização, paisagismo, organização do espaço, calçamento e a utilização pela população.

Para obter melhores resultados a pesquisa foi realizada num domingo para analisar o uso dos espaços pela população para o lazer. Observou-se também a presença de turistas nos locais de visitaçãõ.

Devido a grande diversidade de paisagem que o rio possui foi possível realizar uma comparação entre os espaços analisando os pontos positivos e negativos de cada trecho.

As etapas que foram realizadas corresponderam em fazer um levantamento de informações sobre o rio Belém reunindo diversos aspectos em uma visão única e centralizada. Depois a comparação do material levantado com a atual situação dos locais analisados.

Os recursos utilizados para pesquisa e análise dos espaços em questão foram: legislações existentes, mapeamentos, fotos, bibliografia existente sobre o assunto, projetos já realizados e Internet. Apresentação gráfica nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Cabe ressaltar que para a visita a campo nem todos os trechos foram de fácil acesso, pois grande parte já está em propriedade particular. Por isso foram selecionados os trechos onde o acesso permitiu a análise da paisagem para o desenvolvimento do trabalho.

## 7.2. RESULTADOS / ANÁLISE DOS DADOS

Curitiba é a cidade pólo de um conjunto de 26 municípios que compõem a Região Metropolitana de Curitiba – RMC. Segundo o IBGE (2007) a cidade conta com uma população estimada de 1.797.408 habitantes, distribuídos nos 75 bairros

regulamentados e delimitados pelo decreto 774 de 21 de Outubro de 1975, que fazem parte do município. (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2008)

Dentre as metrópoles brasileiras, Curitiba, é considerada por muitos especialistas, uma das cidades que garante melhor qualidade de vida para os seus habitantes, porém ainda apresenta vários problemas de cunho ambiental.

De acordo com a Agenda 21, que é um documento, resultado da conferência Eco-92 realizada no Rio de Janeiro, o qual estabeleceu a importância de cada país se comprometer a refletir, global e localmente, sobre a forma pela qual governos, empresas, organizações não-governamentais e todos os setores da sociedade poderiam cooperar no estudo de soluções para os problemas sócio-ambientais, o crescimento rápido da população urbana e da industrialização submete os recursos hídricos a graves pressões e a capacidade de proteção ambiental de muitas cidades.

À medida que as cidades se urbanizam, ocorre o aumento das vazões devido à impermeabilização e canalização, a produção de sedimentos também aumenta de forma significativa, associada aos resíduos sólidos e os rios recebem grandes cargas de esgoto doméstico e industrial. Os rios urbanos recebem as alterações e impactos que as atividades antrópicas têm causado, existindo uma crescente necessidade de se apresentar soluções e estratégias que minimizem e revertam os efeitos desta degradação ambiental. Em Curitiba não é diferente.

Embora exista uma grande quantidade de recursos hídricos, o crescimento da cidade faz com que a qualidade destes rios esteja muito comprometida. Em Curitiba existem cinco sub-bacias, conforme mapa apresentado abaixo, contribuintes da margem direita do rio Iguaçu, compondo a Bacia do Alto Iguaçu. São elas: a sub-bacia do rio Passaúna, do rio Barigüi, do rio Belém, do Ribeirão dos Padilhas e do rio Atuba. Existe também dentro do Município uma área de contribuição direta no rio Iguaçu denominada Bacia do Iguaçu.

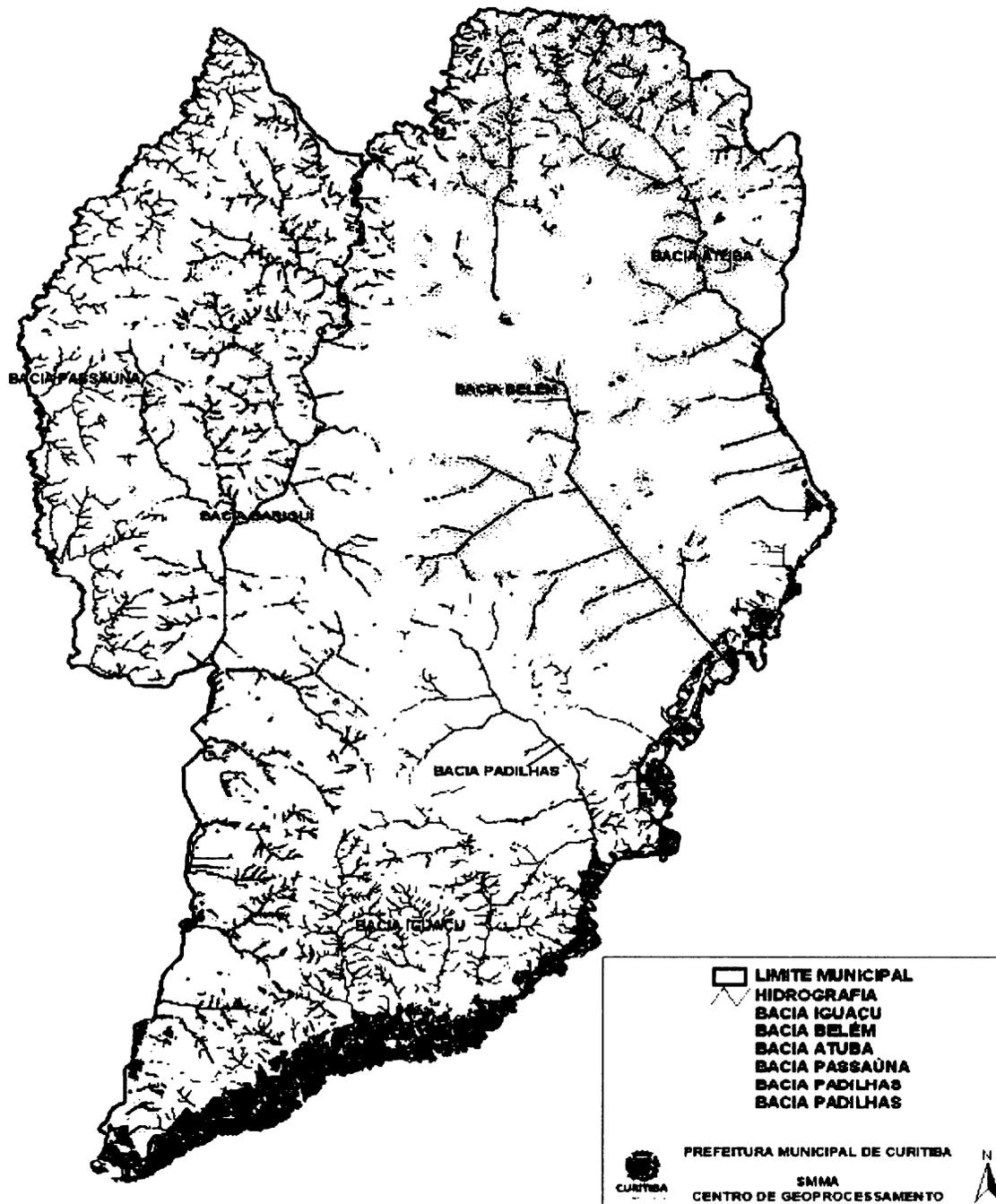


FIGURA 24: MAPA DAS BACIAS HIDROGRAFICAS DE CURITIBA  
 FONTE: SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE, 2008.

Embora os recursos hídricos sejam abundantes, sua qualidade está sendo comprometida devido a uma infra-estrutura de esgotamento sanitário precária, ocupações irregulares nas margens dos rios, presença de lixo, assoreamento, entre outros.

O Rio Belém, um dos afluentes da margem direita do rio Iguaçu, se encontra totalmente inserido no município de Curitiba e percorre segundo MEDEIROS (1997), 21 km, no sentido norte-sul/sudeste, constituindo uma bacia com uma área de 87,85 km<sup>2</sup>.

Conforme Brasília (2005), na representação da Bacia Hidrográfica do rio Belém , na figura 25, observa-se que o referido rio percorre a parte de maior densidade populacional da cidade de Curitiba, e teria condições de servir como manancial de abastecimento dessa população. Geograficamente, seu canal principal está situado desde as nascentes, no bairro Cachoeira (altitude de 990m) até a foz, entre os bairros do Boqueirão e Uberaba (altitude de 870m), dentro do município de Curitiba, sendo um dos tributários da margem direita do rio Iguaçu. A baixa declividade, variando entre 0 e 12% não restringiu o avanço da urbanização, onde a vegetação, constituída pela Floresta Ombrófila Mista foi sendo substituída pela pavimentação de ruas e outras edificações, impermeabilizando a superfície e expondo a cidade a enchentes.

O rio Belém nasce na porção norte do município, ladeado por um cemitério, cabendo-lhe a frase: “ é um rio que já nasce morto”, segundo Brasília (2005), indo desaguar no rio Iguaçu, depois de receber os dejetos da área de maior densidade populacional de Curitiba.

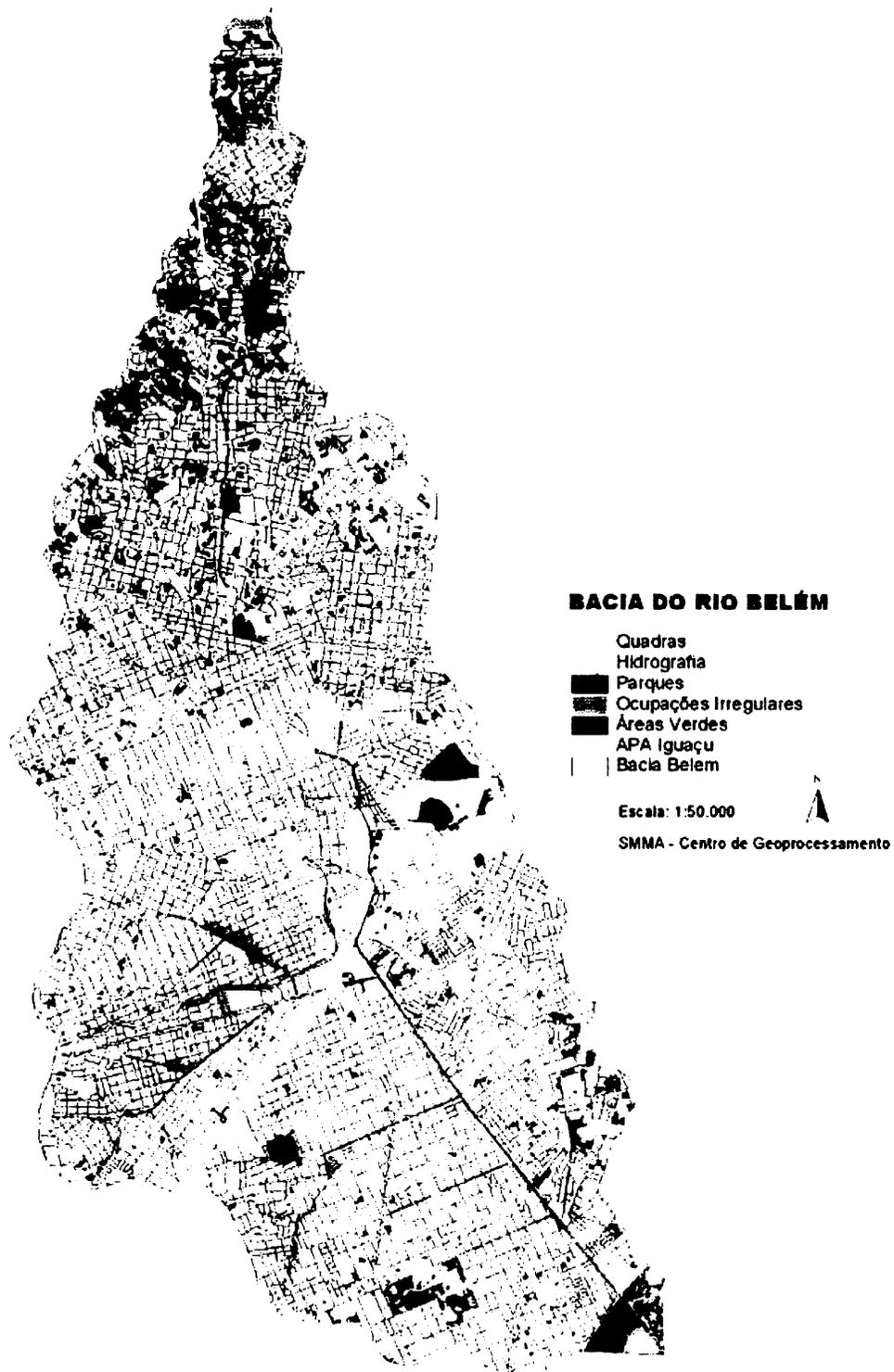


FIGURA 25: MAPA DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO BELÉM  
FONTE: SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE, 2008.

A crescente urbanização, ao longo da Bacia do Rio Belém, trouxe como conseqüências o aumento das ações antrópicas que propiciaram a sua degradação, trazendo prejuízos não só para os recursos hídricos, mas também ao ar, solo, fauna e flora.

Foi no decorrer dos períodos de desmembramentos e emancipações de novos municípios no Paraná, nas duas últimas décadas, visando atender os interesses políticos e econômicos, que o crescimento da população curitibana e o incremento das atividades industriais criaram novas feições à cidade, principalmente no que diz respeito à utilização e à degradação dos recursos naturais. Ao longo do tempo, a incorporação das questões ambientais pela administração pública e sociedade civil, ocorreu de forma pouco definida com discursos os mais distantes possíveis, embora a análise dos problemas ambientais tenha conduzido cada vez mais à aproximação da questão ambiental e questão social. Os problemas ambientais, dessa forma, são particularmente sensíveis nas grandes metrópoles, onde a degradação ambiental é também fruto das grandes desigualdades sociais (SMMA, 2005).

É verdade que Curitiba desfruta de uma situação favorável. Ainda de acordo com a Secretaria Municipal do Meio Ambiente, enquanto a média da população brasileira atendida com rede coletora de esgoto é de 45%, Curitiba, com índice de 76%, se destaca. Outro dado é que 92% desse esgoto recolhido na capital é tratado. Tanta diferença entre realidades às vezes faz esquecer outros números que deveriam ser apontados: 8% ainda é "sujeira in natura", que não passa por tratamento antes de ir ao destino final, quase sempre um rio (SMMA, 2005).

De acordo com o engenheiro civil, sanitarista, FENDRICH (2002), o maior percentual de poluição dos rios de Curitiba e Região Metropolitana ainda era pelos esgotos sanitários (doméstico e Industrial). O engenheiro fez um diagnóstico dos recursos hídricos da bacia do Rio Belém, em sua extensão urbana, com dados recolhidos desde 1993 e afirma que "continua a mesma situação. Não teve ampliação significativa da rede e do tratamento. Poderia ter mais, mas isso é caro."

É preciso, também, esclarecer que o número de indústrias instaladas às suas margens não aumentou, tendo em vista que a Cidade Industrial, na porção oeste do município de Curitiba e outros municípios vizinhos, absorveram as indústrias que não

puderam mais se instalar em Curitiba. Ocorre que as indústrias que restaram ainda causam muitos problemas e mostram a ineficiência dos órgãos ambientais em relação a soluções para o meio ambiente. Ao se juntarem as águas do esgoto doméstico, com as águas dos dejetos industriais, o rio “morreu” e se transformou, apenas, em um emissário de esgoto.

No entanto, em termos ambientais (MURATORI, 2005), a localização dessas poucas indústrias e os problemas delas decorrentes, são exemplos de que a solução de problemas relativos ao meio ambiente do município de Curitiba ainda está em seus passos iniciais. A permissão para que resíduos industriais, além do esgoto doméstico, sejam jogados diretamente nas águas do rio Belém, inibe a utilização dessas águas para o abastecimento da cidade e contribui para um aspecto negativo da imagem de Curitiba.

Um dos exemplos da degradação das águas do Rio Belém pode ser observado nas margens do referido rio no bairro Boqueirão em Curitiba. Na figura 26 se apresenta a imagem que mostra o curso inferior do rio Belém, localizado no bairro do Boqueirão, podendo-se observar a espuma presente na foz do pequeno canal.



FIGURA 26: POLUIÇÃO NO RIO BELÉM  
FONTE: WILSON BRASÍLIO, 2005.

O Belém passou de um importante eixo estruturador do traçado urbano, até a primeira metade do século 20 para se tornar um "problema" ambiental e urbano,

quando a cidade avançou sobre suas margens provocando alagamentos de bairros, e ser retificado, canalizado e urbanizado nas últimas décadas.

Segundo Brasília, a Bacia do Rio Belém é exemplo típico do descaso da sociedade como um todo com as questões ambientais e principalmente aquelas relacionadas aos rios da cidade. No caso específico do rio Belém, que recebendo diariamente descargas de esgotos sanitários e industriais e, também de lixo, encontra-se altamente poluído, pois não atende os parâmetros de um Rio Classe 4 - Águas Salobras, segundo a Resolução nº. 357/05 do Conselho Nacional do Meio ambiente – CONAMA. Portanto o rio Belém, da nascente até o Parque São Lourenço é considerado classe 3, e partir do curso médio até a foz, passando pelo bairro Boqueirão é considerado sem classificação, ou seja, pior do que a classe 4, de acordo com a resolução do CONAMA de 2005, citada anteriormente. (BRASÍLIO, 2005)

### 7.2.1 Legislação Ambiental

Existe uma contradição entre leis criadas pelo Município de Curitiba, em especial da Política Municipal do Meio Ambiente que prega a manutenção do equilíbrio ecológico e principalmente planejamento e fiscalização do uso e dos recursos naturais, frente ao descaso de donos de indústrias que agem como se não houvesse impedimento algum quanto ao despejo de restos industriais nos rios (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2008).

A lei 7.833 de 19 de dezembro de 1991 dispõe sobre a política de proteção, conservação e recuperação ambiental. No seu artigo sexto, trata do controle de poluição informando que o lançamento no meio ambiente de qualquer forma de matéria, energia, substância ou mistura de substâncias, em qualquer estado físico, prejudiciais ao ar, ao solo, ao subsolo, às águas, à fauna e à flora, deverá obedecer às normas estabelecidas Ainda no artigo sétimo da lei 7.833. Ficam sob o controle da Secretária Municipal do Meio Ambiente as atividades industriais, comerciais, de prestação de serviços e outras fontes de qualquer natureza que produzam ou possam produzir alteração adversa às características do meio ambiente (BRASÍLIO, 2005).

Analisando-se o percurso do rio desde as suas nascentes, foi possível observar que não existe nenhum trecho que esteja de acordo com a legislação ambiental, e, especificamente com a Lei 7.833 de 19 de dezembro de 1991. As encostas que fazem parte da bacia hidrográfica do Rio Belém estão ocupadas por residências e prédios, as ruas, junto ao leito maior do rio, em grande parte, estão asfaltadas, não existe floresta ciliar e o saneamento não atende a muitos bairros da bacia.

A Lei 4.771 de 15.09.65, conhecida como Código Florestal prevê como área de proteção as margens dos rios, estabelecendo parâmetros definidos de acordo com a largura do rio. Para rios com 10 metros de largura, a lei estabelece uma área de proteção de 30 metros para cada margem; para rios que possuem entre 10 e 50 metros de largura, a lei determina 50 metros de área protegida para cada margem; para rios que possuem de 50 a 200 metros de largura a área protegida deve ser de 100 metros; para rios com largura entre 200 a 600 metros a área da margem a ser protegida é de 200 metros e para rios com largura superior a 600 metros a faixa de proteção é de 500 metros para cada margem (BRASÍLIO, 2005).

No caso do rio Belém, é flagrante o descumprimento dessa lei tão antiga. Não existe mata ciliar, em praticamente nenhum trecho do rio.

No Paraná, a Lei Estadual 11.275 de 21/12/95 instituiu o dia 24 de novembro como o dia do Rio, cuja finalidade foi no sentido de criar meios para fiscalizar a qualidade da água, soluções para a preservação e conservação dos processos ecológicos essenciais à sadia qualidade de vida, em meio ambiente ecologicamente equilibrado (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2008).

### 7.2.2 Análise da Paisagem ao longo do Rio Belém

Analisando a paisagem ao longo do rio Belém, desde sua nascente até sua foz, observa-se uma grande diversidade de situações. Ao longo de seu percurso existem trechos em que o rio ainda pode ser visto pela população, nestes existem áreas verdes com parques, ciclovias, mas também áreas completamente ocupadas por habitações irregulares. Assim como, um trecho do rio encontra-se totalmente canalizado fazendo com que a população nem se lembre de sua existência.

Junto às nascentes foi criado o Parque Municipal das Nascentes do Rio Belém, tendo sido em parte reflorestado, mas que serve mais à visitação, do que, propriamente como área de preservação ambiental. Na sua margem direita, em encosta voltada para o rio, está implantado um cemitério, em expansão, o que pode determinar, logo de início, a sua poluição, pela conexão de águas subsuperficiais com o leito do rio.



FIGURA 27: NASCENTE DO RIO BELÉM  
FONTE: WILSON BRASÍLIO, 2005.

Na seqüência observa-se um trecho em que o rio Belém está totalmente incorporado à paisagem urbana que se inicia no Parque São Lourenço. É um trecho de ordenação mais recente na cidade que visa a criação de áreas verdes como forma de regular a vazão do rio após uma grande enchente que provocou o rompimento da represa.

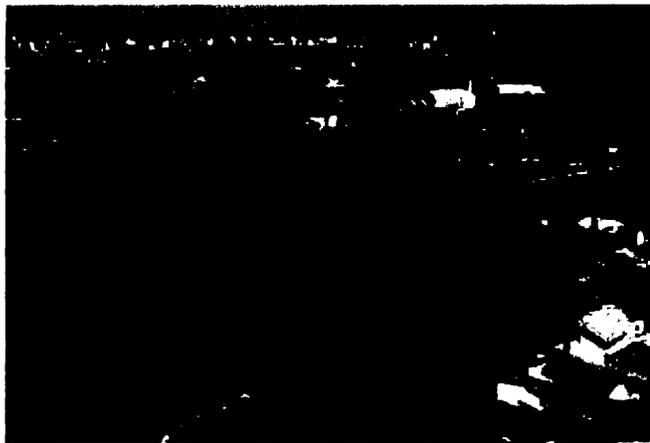


FIGURA 28: VISTA DO PARQUE SÃO LOURENÇO  
FONTE: WWW.VIAGECURITIBA.COM.BR. 2008.

Para Duarte (2006) são rastros de uma transformação da cultura urbanística que teve início no último quartel do século 20, quando os rios urbanos deixaram de servir de esgotamento sanitário ou foram canalizados, para se integrarem ao contexto da cidade em um equilíbrio entre áreas verdes, circulação não poluente (como ciclovias) e parques lineares entremeados à malha urbana.

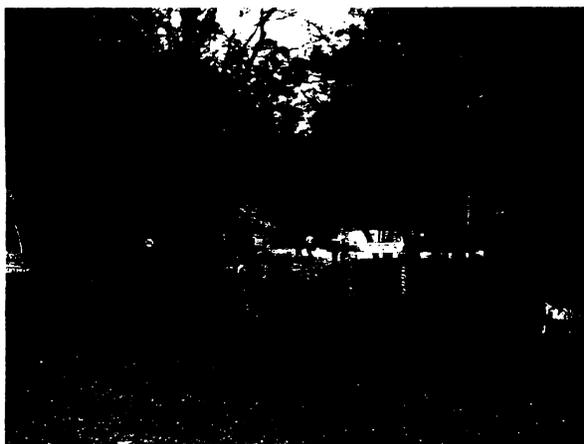


FIGURAS 29 E 30: PARQUE SÃO LOURENÇO  
FONTE: LILIANE VORTOLIN, 2008.

Do Parque São Lourenço até a Avenida Cândido de Abreu há um trecho de ciclovia junto ao rio retificado. Este trecho passa pelo Bosque do Papa, um importante atrativo turístico da cidade. Em toda esta extensão a população desfruta de um espaço de lazer, junto a um importante elemento natural. Toda a área possui um tratamento paisagístico que faz com que o local se torne um importante espaço de convívio da população.

As fotos abaixo ilustram o Bosque do Papa e a ciclovia próxima ao Centro Cívico, tais pontos são bastante freqüentados pela população, principalmente para a prática de esportes na ciclovia.

Nestes dois parques foi possível notar também a presença de alguns ônibus com turistas que vieram conhecer os atrativos.



FIGURAS 31 E 32: BOSQUE DO PAPA  
FONTE: LILIANE VORTOLIN, 2008.



FIGURAS 33 E 34: BOSQUE DO PAPA – RIO BELÉM  
FONTE: LILIANE VORTOLIN, 2008.



FIGURAS 35 E 36: RIO BELÉM, CICLOVIA PRÓXIMA AO CENTRO CÍVICO.  
FONTE: LILIANE VORTOLIN, 2008.



FIGURAS 37 E 38: RIO BELÉM. CICLOVIA PRÓXIMA AO CENTRO CÍVICO.  
FONTE: LILIANE VORTOLIN, 2008.

Porém, mesmo neste trecho ainda existem espaços onde o rio não recebe um tratamento adequado, apresentando ainda habitações muito próximas de seu leito, ou espaços sem qualificação paisagística, conforme as fotos a seguir.



FIGURAS 39 E 40: RIO BELÉM NA AVENIDA MATEUS LEME.  
FONTE: LILIANE VORTOLIN, 2008.

Quando seu percurso chega na Avenida Cândido de Abreu, no Centro Cívico, o rio deixa de ser um elemento vivo na paisagem da cidade e é submerso pela avenida, aqui inicia-se uma completa alteração no modo como o rio é tratado dentro do centro urbano.



FIGURAS 41 E 42: RIO BELÉM NA AVENIDA CÂNDIDO DE ABREU.  
FONTE: PICASAWEB.GOOGLE.COM, 2008.

A partir deste momento, representado na foto acima, o rio é totalmente desligado do traçado urbano e a população perde a referência com o elemento natural sem sequer saber que um rio passa por baixo das ruas da cidade.

Às águas do rio Belém voltam a ser vistas em outro importante espaço da cidade, o Passeio Público. Este foi o primeiro parque urbano de Curitiba, cravado no coração da cidade, cujo intuito foi também controlar a vazão desordenada das águas do rio Belém na época bastante alagadiça. Inaugurado em 1886, revela uma postura urbanística consolidada de controlar os rios urbanos com a criação de parques para conter as doenças transmissíveis e abrir territórios para a urbanização (DUARTE, 2006).



FIGURAS 43 E 44: PASSEIO PÚBLICO  
FONTE: WWW.SKYSCRAPERCITY.COM, 2008.

Uma das principais ruas que chegam ao parque é a Mariano Torres. Suas seis pistas estão sobre o rio Belém, retificado na década de 1910, segundo o Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano, por Cândido de Abreu (aquele que dá nome à avenida onde o rio faz sua primeira submersão), e suas margens.

A contínua edificação às suas margens, área antes ocupada pelo rio em seus transbordamentos, provocava alagamentos anuais, situação que se agravava por ele ser usado para esgotamento sanitário, até sua canalização em 1977, de acordo com o Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano. Todo esse processo exemplifica as diferentes fases pelas quais rios urbanos passaram em várias cidades brasileiras, da retificação à canalização, sem que, no entanto, o problema de ser usado como canal de esgoto se resolvesse – esconde-se o problema na região central para que ele emergja algumas quadras depois, em um rio sobrecarregado pelas ligações clandestinas de esgoto, em um rio morto (DUARTE, 2006).

Segundo o autor, ironicamente, a ciclovia segue por esta mesma rua, mantendo o padrão de acompanhar o rio – agora submerso. Antes de seguir seu curso, porém, ressalta-se que a avenida Cândido de Abreu foi construída como o Eixo Cívico da capital estadual. Ao resgatar os projetos desse complexo de edifícios públicos de importância simbólica, é possível ver nos desenhos e maquetes de Alfred Agache, dos anos 1940, segundo o Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano, que o rio já não aparece – Agache propõe a sua canalização. (DUARTE, 2006).

O resgate da história urbanística da cidade, despertado pela percepção de índices urbanos (a conformação de uma região), permite que se entenda como uma postura urbanística determina como um elemento territorial participa ou não do que se propõe como destino urbano de uma cidade – destino urbano entendido como o conjunto de valores (culturais, econômicos, sociais e simbólicos) que se almeja para uma cidade e que se materializa em seu território.



FIGURAS 45 E 46: AVENIDA MARIANO TORRES E INÍCIO DO PASSEIO PÚBLICO.  
FONTE: LILIANE VORTOLIN, 2008.

O Belém ressurgue na cidade em um trecho não utilizado da rodoferroviária, junto a um antigo pátio de manutenção de trens, passa ao lado de um estádio e pátios de manobra ferroviários e segue por uma área de baixa renda, a Vila Torres, onde o rio se torna realmente em um local para o depósito de lixo e onde a poluição de suas águas se agrava. O odor, nessa área, indica, claramente, que ele não serve apenas como destinatário de águas pluviais. A partir daqui já é possível observar uma nova paisagem, bem distinta das demais descritas até então.

Para Duarte (2006), na análise das notícias sobre o rio, vê-se que este trecho, principalmente quando cruza os conjuntos habitacionais populares, é mostrado de modo causal e preconceituoso, ou seja, ligam a poluição do rio à sua ocupação urbanística imediata (os conjuntos habitacionais e as favelas) – quando, na verdade, ele emerge de sua passagem subterrânea pelo centro da cidade já bastante poluído.



FIGURA 47: RIO BELÉM – RODOVIÁRIA.  
FONTE: LILIANE VORTOLIN, 2008.



FIGURAS 48 E 49: VIADUTO DO CAPANEMA E INÍCIO DA VILA TORRES.  
FONTE: LILIANE VORTOLIN, 2008.



FIGURAS 50 E 51: RIO BELÉM NA VILA TORRES.  
FONTE: LILIANE VORTOLIN, 2008.

Depois da Vila Torres o rio Belém segue seu curso passando dentro do Campus da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e então segue por bairros mais pobres até desaguar no rio Iguaçu.

Algumas indústrias, de ocupação antiga, estão próximas às suas margens. Depois de atravessar a BR116, outras indústrias estão presentes, sendo possível, constatar pela diferença de coloração e pela espuma, o despejo de resíduos das mesmas, no canal do Rio Belém.

Analisar o rio pelos seus rastros permite ver que não é a cidade constituída que abriga um rio e que sofre com problemas causados por ele; mas pelo contrário: ela foi edificada em região conquistada sobre o rio, e essa ocupação deu-se em processos urbanísticos distintos que podem ser desvelados a partir de fragmentos da conformação da cidade, de seus rastros urbanos.

O rio Belém, muitas vezes canalizado no destino urbano de Curitiba, aparece preservado em parques e escondido como canal de esgotamento sanitário no centro da cidade, e depois emerge e corre, por alguns quilômetros, por meandros urbanos.

Após analisar toda a extensão do rio Belém é possível concluir que o trecho entre os parques existentes, São Lourenço e Bosque do Papa já serve de eixo de ligação, com a utilização da ciclovia existente onde as pessoas podem usufruir de um ambiente agradável, com tratamento paisagístico e acesso visual ao rio. Tendo em vista que os parques da cidade de Curitiba são importantes atrativos de turistas, tais eixos podem ser considerados corredores turísticos que potencialmente possibilitariam incrementar a atividade, através da melhoria na qualidade da paisagem.

## 8. DISCUSSÃO

Apesar do rio Belém ainda apresentar sérios problemas de degradação ambiental, com trechos onde o curso d'água se apresenta como um grande depósito de lixo, ainda é possível observar remanescentes de áreas verdes ao longo da bacia. Conforme apresentado neste trabalho, a prefeitura de Curitiba, desde a década de 70, vem apresentando propostas para resolver os problemas ambientais com a criação de parques e áreas de lazer nas margens dos rios. Porém as medidas tomadas ainda são insuficientes e não atendem grande extensão do curso do rio.

Em relação às áreas verdes em Curitiba, Miguez (2001) comenta que em 1974 foi realizado o primeiro levantamento de áreas verdes de Curitiba, ocasião em que foram mapeadas 93 áreas com cobertura vegetal significativas, totalizando 392,7 ha caracterizados como Bosques de Preservação Permanente. Também menciona que em 1982, foram mapeadas e cadastradas 208 novas áreas significativas, totalizando 2.017,7 ha. Posteriormente, em trabalho realizado por Milano e Disperatti (1987) para a Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná - FUPEF, em 1987, para o mapeamento das áreas verdes do município de Curitiba, mediante convênio firmado com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Curitiba (SMMA), foram identificados 65.190.468 m<sup>2</sup> de vegetação, o que representava 15,05% da área do município.

A Secretaria Municipal do Meio Ambiente (2008) estabeleceu em 1987 que Curitiba tinha o índice de 50,15 m<sup>2</sup>/hab, o que possibilitou a criação de índices por região administrativa, as denominadas 9 “administrações regionais”: Matriz, Boqueirão, Cajuru, Boa Vista, Santa Felicidade, Campo Comprido, Portão, Pinheirinho e Umbará. Esses dados estratificados por regiões administrativas da prefeitura passaram a demonstrar as diferentes concentrações de áreas verdes, desde 3,44 m<sup>2</sup>/hab na região mais central até 2.624,76 m<sup>2</sup>/hab em regiões menos urbanizadas, como a região do Umbará.

A quantificação mais recente das áreas verdes de Curitiba foi realizada em 2000, por Miguez (2001), utilizando métodos mais precisos, com ortofotocartas, que são imagens fotográficas apresentadas em verdadeiras posições, e os maciços vegetais com áreas acima de 2100 m<sup>2</sup>, quantificados por bairros e microbairros. Esse

levantamento resultou na identificação de 77.786.020,60 m<sup>2</sup> de áreas verdes, ou 17,97% da área física do município, o que constitui um índice de 49,02 m<sup>2</sup> /hab de área verde, considerando os dados do IBGE de 2000. O mapeamento apresentou também que uma parcela dos remanescentes florestais de Curitiba está inserida nos parques municipais e Áreas de Proteção Ambiental de Curitiba, que podem ser denominadas de florestas públicas, representando 4,34% do total de áreas verdes mapeadas em 2000 (MIGUEZ, 2001).

Do total de bosques nativos relevantes (77.786.020,60 m<sup>2</sup>) de Curitiba, 9,7% (7.609.208,74 m<sup>2</sup>) estão localizados na área física da bacia hidrográfica do Rio Belém. O total de bosques nativos relevantes públicos na bacia hidrográfica do Rio Belém é de 11, perfazendo uma área de 450.157,68 m<sup>2</sup>, que estão inseridos nas unidades de conservação do município, representando 5,92% do total dos bosques existentes na bacia (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2007).

As florestas, em geral, possuem um conjunto de benefícios diretos e indiretos, que se relacionam com os aspectos sociais, econômicos e ambientais, os quais são amplamente difundidos e conceituados.

Guzzo (2004), comenta sobre a dificuldade em relação aos termos utilizados para definir as áreas verdes urbanas, especialmente em relação às diferenciações entre termos como áreas livres, espaços abertos, áreas verdes, sistemas de lazer, praças, parques urbanos, unidades de conservação em área urbana, arborização urbana. O autor comenta em seu trabalho sobre os benefícios e valores das áreas verdes, que são expressos pelas funções ecológicas, sociais, estéticas, educativas e psicológicas.

A distribuição e índices de cobertura de áreas verdes urbanas é outro aspecto importante. Nunes (1992) destaca a importância de que a vegetação seja distribuída homoganeamente na cidade, visando maior eficiência ecológica e socioeconômica. O autor comenta que, dependendo da política ambiental da cidade, o índice de áreas recebe distintas contribuições.

O autor destaca, ainda, que é importante realizar uma avaliação para identificar os valores das áreas verdes e de suas potencialidades em cada cidade para melhor aproveitamento de espaço. Para o autor, a administração pública deve estar atenta à aquisição de áreas centrais e periféricas para a implantação de áreas verdes de uso

público, e verificar meios que permitam a conservação das áreas verdes privadas significativas que sofrem pressões devido ao crescimento urbano.

Como já visto, pontos importantes como o Parque São Lourenço, o Bosque Municipal Papa João Paulo II e o centenário Passeio Público, são drenados pelo rio Belém. Ao longo dos seus afluentes também se destacam outros pontos urbanísticos da Cidade de Curitiba. São áreas de preservação e de recreação para a comunidade, como o complexo da Ópera de Arame, a Pedreira Paulo Leminski, o Parque Municipal da Pedreira Zaninelli, que abriga a Universidade Livre do Meio Ambiente – UNILIVRE e, o Bosque Alemão, implantado nas cabeceiras do rio Pilarzinho, tributário da margem direita do rio Belém.

A Prefeitura Municipal de Curitiba – PMC - salienta que um dos aspectos fundamentais da política de áreas verdes na cidade é, justamente, a afirmação da recreação e do lazer como fatores indispensáveis ao equilíbrio físico e mental do ser humano e ao seu desenvolvimento, não sendo, no entanto, sua finalidade única (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2008). A implantação e gestão destes espaços são fatores que têm consolidado a identidade de Curitiba como “Capital Ecológica” e como referência em qualidade de vida e que também tem atraído grande número de turistas, por ser um elemento importante da reestruturação urbana da cidade. O processo de produção dos parques e áreas verdes em Curitiba criou espaços de lazer com atratividade, com grande empatia por parte da população e dos turistas.

Na concepção de Furegato (2007), os parques urbanos permitem a freqüência e utilização não apenas de moradores locais, mas também de visitantes e turistas.

Esta função é ainda maior quando o parque oferece outros elementos, como equipamentos, serviços e atrações. Não só os parques urbanos, mas vários outros elementos da paisagem urbana, raramente são planejados e construídos exclusivamente em função do turismo; em primeira instância, estes espaços são planejados para uso dos habitantes locais e sua utilização por turistas decorre de diversos fatores, a exemplo da valorização cultural, marketing, favorecimento da situação geográfica e modismo, além do vínculo afetivo que se estabelece entre moradores e seu meio urbano, constituindo “uma ênfase na forma mais que na função, uma ênfase nos projetos urbanos mais que nos planos gerais, buscando melhorar a

imagem urbana mediante a criação de novos espaços ou a revitalização de espaços antigos” (GARCIA, 2007, p. 33).

Neste contexto, analisando as possibilidades que os espaços verdes urbanos podem oferecer em termos de fomento ao turismo em Curitiba conclui-se que tais áreas devem ser melhor exploradas pelo poder público no planejamento urbano e por políticas públicas direcionadas para o seu potencial turístico.

Segundo Andrade (2001, p. 119) “a produção de parques, bosques e elementos arquitetônicos emblemáticos existentes nessas áreas colaborou para o incremento dos investimentos e da arrecadação da cidade, como por exemplo, pelo turismo”.

Além de proteger florestas nativas e demais maciços vegetais, os parques garantem a preservação do sistema natural de drenagem, assegurando o controle e a redução das cheias, inclusive pela formação de lagos que contribuem para a amenização dos efeitos das chuvas abundantes, das matas ciliares e da fauna ribeirinha, além da constituição de barreiras naturais tanto para a ocupação indevida de áreas sujeitas a enchentes quanto para a instalação de depósitos de lixo.

Ainda podem ser arrolados outros benefícios, como: oferta de lazer e realização de atividades esportivas para moradores do entorno e demais freqüentadores; desenvolvimento de ações de educação ambiental, pesquisa científica e conservação de ambientes naturais.

Os parques passam a representar lugares de maior proximidade com os elementos naturais, mesmo que sejam percebidos de maneira artificializada ou apenas enquanto cenário para uma situação idealizada. O parque, agora como simulacro da natureza, é dotado de novo significado, uma vez que é identificado como moralmente benéfico e enobrecedor, com a natureza distante e ameaçada (SARTI, 2001).

Desde a década de 70, de acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas do Paraná (2005), Curitiba tem passado por avanços físicos, culturais, ambientais e econômicos. Há alguns anos, a cidade vem apresentando importante crescimento em termos de turismo receptivo. Ainda de acordo com o Sebrae, em 2000 a 2003 esse aumento representou 58% no número de turistas. O turismo de negócios vem sendo o principal motivo das viagens a Curitiba, e este tipo de turismo vem crescendo gradativamente, devido à infra-estrutura já existente, à

localização estratégica e aos índices de desenvolvimento apresentados pela cidade (SEBRAE/PR, 2005).

Nesta perspectiva, a disponibilidade de áreas verdes, especialmente parques, como fator de qualidade de vida e ambiental pode ser considerada como um dos fatores de desenvolvimento para atração de turistas para a cidade, ainda mais reforçada pela mídia governamental que disseminou a idéia de “Capital Ecológica”.

De acordo com Hardt (2006), os resultados das ações realizadas em Curitiba ao longo do tempo, e que só agora parecem consolidados, têm sido comumente explorados pela administração pública, que, por meio de linha de ônibus especial, a jardineira, tem transformado os mais importantes parques da cidade em cotados pontos turísticos. Que das 24 paradas deste roteiro, 11 constituem parques ou áreas verdes, representando uma solução relativamente incomum nas cidades brasileiras.

Considerando a grande contribuição dos parques urbanos como atrativos turísticos na cidade de Curitiba e sendo os corredores turísticos vias de conexão entre zonas, áreas, complexos, centros, conjuntos, atrativos turísticos que funcionam como elemento estruturador do espaço turístico, ou ainda, que corredor turístico não é unicamente uma via de acesso a uma determinada localidade, mas sim de uma faixa de território que serve de ligação entre vários elementos turísticos e que se constitui, ela própria, em um atrativo, conforme já apresentado neste trabalho, o rio Belém poderia ser considerado um corredor turístico natural de ligação das diversas áreas verdes urbanas da cidade.

A criação de um eixo verde ao longo dos rios urbanos, com espaços de lazer, ciclovia, e com um bom trabalho paisagístico, para ligação dos parques e áreas verdes existentes ao longo da bacia, pode ser considerada um importante corredor turístico natural da cidade. Além de tal eixo servir como faixa de preservação nas margens do rio, pois terá sua mata nativa reconstituída, porém permitindo o acesso das pessoas para observar seu leito, estes locais serão importantes espaços de convívio onde a população poderá desfrutar dos benefícios ofertados, além de proporcionar o contato com um importante elemento natural no meio do centro urbano da cidade.

Sendo os parques de Curitiba já bastante freqüentados por turistas, os visitantes também poderiam se beneficiar destes corredores turísticos, sendo eles mesmos um

atrativo. A requalificação destes espaços poderia também contribuir significativamente na qualidade da paisagem urbana.

Conforme visto anteriormente, o rio Belém ainda apresenta um extenso trecho esquecido pelo poder público e tomado por ocupações irregulares e sendo o Belém o único rio que atravessa a cidade, a requalificação destes espaços criaria um corredor turístico que atravessaria a cidade de Curitiba no sentido norte-sul/sudeste, fazendo a ligação de vários importantes atrativos turísticos.

## 9. CONCLUSÃO

O ser humano fixou-se em espaços que pudessem garantir a sua sobrevivência através de suas condições naturais. Porém, com os avanços da urbanização o homem se colocou acima das leis da natureza dominando e ocupando os espaços na maneira que melhor pudesse satisfazer suas necessidades. A vida urbana é a forma concreta de o homem dominar a natureza.

Estas transformações no ambiente provocaram uma grande modificação na paisagem urbana que se transforma cada vez mais em um meio com poluição de imagens, sons, ar e é cada vez menos interessante para uma vida adequada.

Os rios que antes eram vistos como elementos vitais tornam-se grandes empecilhos para o desenvolvimento humano, e o homem sente-se no poder de escondê-los e também esquecê-los na paisagem. Ao invés de contribuírem na qualidade de vida da população, os rios são transformados em canais de esgoto e lixo.

Os cursos d'água devem ser respeitados, como elemento principal na preservação da vitalidade das cidades, assim como era no início da história por garantir a sobrevivência da população, reforçando também a importância do desenho paisagístico e identificando meios de intervir, especificamente, no encontro da oportunidade que cada espaço próximo à água oferece.

O desenho urbano pode solucionar os conflitos ambientais das cidades, porém deve ser um processo contínuo e com participação de toda a sociedade, pois é uma função essencial e vital para a qualidade da paisagem. No caso de urbanização nas margens dos rios, a faixa de preservação deve ser respeitada e após essa área, as construções devem voltar-se para os rios e não tratá-los como fundo de lote e local de despejos. O planejamento urbano deve garantir uma intervenção responsável e consciente da paisagem, promovendo o equilíbrio entre a cidade e a natureza.

Os planejadores turísticos também devem potencializar as áreas ribeirinhas, pois, se o poder público investir recursos para a revitalização destes espaços, os rios podem se tornar importantes corredores turísticos naturais e também um importante complemento aos atrativos nas grandes cidades, além de contribuir para a paisagem local atraindo maior número de turistas.

Se, por um lado, as mudanças de comportamento têm reforçado a utilização dos parques pelas populações urbanas, ao mesmo tempo, novos papéis têm sido atribuídos a estas áreas pelos agentes envolvidos nos processos urbanos. Neste sentido, Barcellos (2006) identifica duas vertentes de ações: na primeira, tem-se o uso dos parques nas estratégias de conservação ambiental; na segunda, constituem elementos de dinamização da economia urbana.

O planejamento urbano aliado ao planejamento turístico pode contribuir para a criação de espaços democráticos, locais de convívio, ou seja, espaços urbanos mistos, que atraem diferentes tipos de usuários em diversas horas do dia. Tais espaços poderão ser ocupados tanto pela comunidade local, pois serão importantes espaços de lazer, e também, pelos turistas, pois integrarão os atrativos turísticos da cidade

De fato, as preocupações ambientais e com a economia do turismo têm propiciado o surgimento de razoável número de parques públicos nos centros urbanos do país. Por outro lado, o uso do desenho urbano no desenvolvimento do turismo pode vir a contribuir para a criação de espaços democráticos, lugares do encontro. A produção de espaços urbanos de uso misto, por exemplo, é caracterizada por diferentes tipologias arquitetônicas, atraindo diferentes usuários urbanos, por diferentes razões, a diversas horas do dia.

As áreas ribeirinhas precisam ser vistas como um importante produto de resgate da relação da população com a natureza, que se perdeu. A revitalização destas áreas além de recuperar a qualidade ambiental dos elementos naturais, soluciona os problemas gerados pelas ocupações irregulares e cria espaços agradáveis para toda a população, e ainda valoriza a paisagem urbana onde estão inseridos.

Diferentes propostas de usos devem ser estudadas nas margens dos rios, mesmo nos casos onde já ocorreu uma ocupação irregular, deve-se pensar na relocação das famílias, a fim de resgatar as áreas ribeirinhas, favorecendo sobretudo, a qualidade da água do rio. Os projetos devem atentar para os possíveis impactos que possam ocorrer, mas considerando a condição atual das margens estudadas, projetos de corredores verdes, com a re-inserção da vegetação nativa, conciliando com espaços de lazer, contemplação e esportes podem recuperar os espaços e ainda visar a recuperação da qualidade das águas do rio.

No estudo apresentado neste trabalho pode-se concluir que a cidade de Curitiba já iniciou o trabalho de recuperação de áreas verdes em seu centro urbano com a criação de parques e praças, conseguindo o título de Capital Ecológica, o que contribui com o marketing turístico da cidade diversificando a oferta turística do município.

Nas áreas analisadas ao longo do Belém foi possível observar que os trechos do rio que ligam os parques São Lourenço e Bosque do Papa, até o Centro Cívico possuem um tratamento paisagístico e opções de atividade de esporte possibilitando o uso da população e visitantes às áreas ribeirinhas. Além de proporcionar opções de lazer para a população, tais espaços contribuem com a preservação da qualidade das águas e podem vir a ser importantes corredores turísticos naturais no centro urbano.

Porém o problema de poluição do rio Belém está longe de ser solucionado, pois um grande trecho de seu curso encontra-se marginalizado, em uma área de densa ocupação e merece atenção dos planejadores a fim de requalificar as paisagens degradadas.

## REFERÊNCIAS

- ABBUD, B. **Vegetação no espaço público urbano**. São Paulo. ABAP – Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas. 2007.
- AGENDA 21. **Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e desenvolvimento**. Segunda edição. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1997.
- ANDRADE, R. V. **O processo de produção de parques e bosques de Curitiba. Curitiba**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná. 2001.
- BARCELLOS, V. Q. **Novos papéis do parque público: o caso dos parques de Curitiba e do Projeto Orla de Brasília**. Programa de Pós-Graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Brasília, 2006.
- BARROS P. **Desenhando cidades na era dos vãos econômicos**.2004. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/> Acesso em: 2008.
- BOMBIN, M. M. E. **El Paisage**: unidades temáticas ambientales. Madrid, MOPU.1987.
- BOULLÓN, R. C. **Planejamento do espaço turístico**. Tradução de: Josely Vianna Baptista. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- BRASILIO W. **Industrialização e Degradação Ambiental: O Caso do Rio Belém em Curitiba – Pr. Universidade Federal do Paraná**. Curitiba, 2005.
- CARDOSO C. P. **Terra e Cultura**, Número 44. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2007.
- CARLOS, A. F. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec.1996.
- CARR,S.; FRANCIS, M.; RIVLIN,L.; & STONE,A. **A Public Space. Cambridge**. 1992.
- CASTRO, I. E. **Paisagem e Turismo. De estética, nostalgia e política**. IN: YÁZIGI, E. Abdo (org). Turismo e paisagem. São Paulo: Contexto, 2002, p.p.121-140.
- CASTROGIOVANNI, A.C. (ORG.). **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2000.
- CAVALHEIRO, F. **Urbanização e Alterações Ambientais**. São Paulo: FUNDUNESP, 1991.
- CEBALLOS-LASCURÁIN, H. **Tourism, ecotourism and protected areas**. Gland, Switzerland and Cambridge, UK: IUCN, 1996.
- CEBALLOS-LASCURÁIN H. **Integrating Biodiversity into the Tourism Sector: Best Practice and Country Case Studies**. Nairobi. Study for the United Nations Environment Programme (UNEP/UNDP/ GEF/BPSP). 2001.

CHRIST, C.; HILLEL, O.; MATUS, S.; SWEETING, J. **Tourism and biodiversity: mapping tourism's global footprint.** Washington DC: C.I. / UNEP, 2003.

COIMBRA, J. **O Outro Lado do Meio Ambiente.** São Paulo: Cetesb1985. p. 21.

CORRÊA, D. S.; ALVIN, Z. **A água no Olhar da História.** São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. 2000.

CORRÊA, R.L. **O espaço urbano.** 4.ed. São Paulo: Ática, 2002.

COSTA, L. M. **Águas Urbanas: os rios e a construção da paisagem.** Recife: UFPE/CFCH, 2002.

CRUZ, R. C. **Política de turismo e território.** São Paulo, Contexto, 2000.

CRUZ, R. C. A. **As paisagens artificiais criadas pelo turismo.** In: YÁZIGI, E. Abdo (org.). Turismo e paisagem. São Paulo: Contexto, 2002.

CULLEN, G. **Paisagem Urbana.** São Paulo: Edições 70, 1983.

CURITIBA. P. M.. **Coletânea de legislação ambiental de Curitiba.** Curitiba. Artes Gráficas Ed.Unificado, 1998.

DECRETO MUNICIPAL 1153. **Institui o Sistema de Licenciamento Ambiental no Município de Curitiba e dá outras providências.** Curitiba, 2004.

DECRETO 774. Curitiba, 1975.

DENCKER A F. M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo.** São Paulo: Futura, 2007.

DIAS, R. **Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil.** São Paulo: Atlas, 2003.

DUARTE F. **Rastros de um Rio Urbano – Cidade Comunicada – Cidade Percebida.** Curitiba, 2006

EUHOFA; IH&RA; UNEP. **Sowing the seeds of change: an environmental teaching pack for the hospitality industry.** Paris, 2001.

FENDRICH, R. **Diagnóstico dos recursos Hídricos da Bacia urbana do rio Belém.** Curitiba: Assembléia Legislativa do Paraná, 2002.

FERRARA, L. D. **O turismo dos deslocamentos virtuais.** IN: YÁZIGI, E. Abdo; CARLOS, A. F. A. ; CRUZ, R. C. A. Turismo: espaço, paisagem e cultura. Hucitec, São Paulo: Contexto, 2002. p. 15-24.

FERRAZ, H. **Cidade e Vida.** São Paulo: João Scortecci, 1996.

FERRAZ H. **Filosofia Urbana.** São Paulo: João Scortecci, 1997.

FERRETTI, E. R. **Turismo e Meio Ambiente**. Uma Abordagem Integrada. São Paulo: Roca, 2002.

FRANCO, M. A. R. **Desenho Ambiental**: Uma Introdução à Arquitetura da Paisagem com o Paradigma Ecológico. São Paulo: FAPESP, 1997.

FREITAS A C. N. C. **Análise Comparativa dos Corredores Turísticos no Entorno do lago de Itaipu no Brasil e lago de Ilanquihue no Chile**. Itajaí: UNIVALI, 2004.

FUREGATO, M.C.H. **Parque urbano Orquidário Municipal de Santos / SP: equipamento de lazer e turismo**. Revista Eletrônica Paisagem, Lazer e Turismo. Disponível em: <<http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos>> em: 2008

GUZZO, P. **Áreas Verdes Urbanas**. 2004. Disponível em: <[http - //educar.sc.usp.br/biologia/prociencias/ areasverdes.html](http://educar.sc.usp.br/biologia/prociencias/areasverdes.html)> Acesso em: 2007.

HARDT L. P. A. **Contribuição dos Parques Urbanos e áreas Verdes como Atrativos Turísticos em Curitiba – Paraná**. III Encontro de ANPPAS. Brasília, 2006.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do turismo**. 2.ed. São Paulo: Thompson, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Resultado da contagem da população 2007**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 2008.

IPPUC. **Revista do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba**, no. 4. Curitiba: PMC, 2003.

JAULINO, D. D. Rios do Rio. Rio de Janeiro. Artigo, UFRJ. 2004, p. 110.

KOSTOF, S. **A History of Architecture: Settings and Rituals**. New York, Oxford 1985; second edition 1995.

LEI Nº 7.833. **Dispõe sobre a política de proteção, conservação e recuperação do meio ambiente e dá outras providências**. Curitiba, 1991.

LEI Nº. 4771. **Institui o novo Código Florestal**. Curitiba, 1965.

LEI Nº. 11275. **Decreta o Dia do Rio**. Curitiba, 1995.

LEMOS, L. **Turismo: que negócio é esse?**: Uma análise da economia do turismo. Campinas, SP: Papirus, 1999.

LUCHIARI, M. T. D. P. **A significação da paisagem no período contemporâneo**. Campinas: Papirus. 2000. A

LUCHIARI M. T. D. P. **Urbanização Turística** - Um Novo Nexo entre o Lugar e o Mundo. In: Maria Teresa Luchiari, Célia Serrano, Heloísa Brunhs. (Org). Olhares Contemporâneos sobre o Turismo. Campinas: Papirus, 2000. B

- LYNCH, K. **A Boa Forma da Cidade**. São Paulo: Edições 70, 1999. A
- LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. B
- MAHFUZ, E. C. **Entre os cenários e o silêncio**. Respostas arquitetônicas ao caos do mundo contemporâneo. Porto Alegre: UFRGS, 2001
- MANN, R. **River in the City**. New York: Praeger. 1973
- MANNING, O. **Design imperatives for river landscapes**. In: Landscape Research Journal. 1997.
- MEDEIROS, B. F. **São Paulo: cidade global? testando algumas hipóteses sobre cidades mundiais na periferia**. ANPUR - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, Recife, 1997.
- MELLO J. A. F. **Estudo das microbacias hidrográficas, delimitadas por compartimentos geomorfológicos, para o diagnostico físico**. Santa Maria-RS, 1999.
- MIGUEZ, L. A. L. **Mapeamento e monitoramento dos maciços vegetais do município de Curitiba, Pr**. Monografia (Especialização em Qualidade de Vida Urbana), Faculdade de Administração e Economia do Paraná, Instituto de Engenharia do Paraná, 2001.
- MILANO, M. S.; DISPERATI, A. A. **Análise da quantidade e distribuição das áreas verdes no município de Curitiba, Pr**. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE ARBORIZAÇÃO URBANA, Maringá. 1987.
- MOLINA, E. S. **Turismo y ecologia**. México: Trillas, 1998.
- MURATORI, A. M. **Planejamento Ambiental e Gestão do Território; uma Visão Geográfica**. Curitiba: UFPR, 2005.
- NUNES, M. L. **Metodologia de avaliação da arborização urbana**. ENCONTRO NACIONAL SOBRE ARBORIZAÇÃO URBANA, 4. Vitória. 1992.
- OKAMOTO, J. **Percepção Ambiental e Comportamento**. São Paulo: Ipsis, 1997.
- OREA, G. **Recuperación de Espacios Degradados**. Madrid: Ed. Mundi Prensa, 1994.
- PARADEDA, M. R. M. **As Cidades Modernas e os Novos Olhares Sobre a Natureza**. Porto Alegre: PUCRS, 2005.
- PELLEGRINO, P. **Por uma Paisagem Fluvial para São Paulo**. São Paulo: FAU USP, 2003.
- PORATH, S. L. **A Paisagem de Rios Urbanos**. A Presença do Rio Itajaí-Açu na Cidade de Blumenau. Florianópolis: UFSC, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Legislação Municipal**. Disponível em <http://www.curitiba.pr.gov.br> > Acesso em: 2008. A

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Secretaria Municipal de Meio Ambiente. **Serviço de geoprocessamento – mapas de localização das áreas verdes – bacias hidrográficas**. Curitiba: PMC, 2008. B

RIBAS, O. **A sustentabilidade das cidades: os instrumentos da gestão urbana e a construção da qualidade urbana**. (Tese de doutorado), CDS/UNB, Brasília, 2002.

SANCHES, F. **Políticas Urbanas em Renovação**: uma leitura crítica dos modelos emergentes. Porto Alegre: ANPUR. 1999.

SARTI, A. C. **Propostas para delimitação de um parque peri-urbano para a cidade de Rio Claro (SP)**. Dissertação (Mestrado em Conservação e Manejo de Recursos) Centro de Estudos Ambientais, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2001.

SEBRAE/PR- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Paraná. **Os números do Turismo no Mundo, no Brasil e no Paraná 2005**. Disponível em: <http://www.sebraepr.com.br/servlet/>. Acesso em: 2008.

SERRANO, C. T. e BRUHNS, H. **Viagens à Natureza**: turismo, cultura e ambiente. São Paulo: Papirus, 1999.

SMMA - **SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE**. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/Secretarias.aspx>, Acessado em: 2008

TRINDADE, S. C. **Cidade e Cultura na Amazônia Brasileira**: Práticas e representações espaciais na orla fluvial de Belém. Departamento de Geografia, Universidade Federal do Pará. 2004.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. 2a. edição. São Paulo: Editora Difel, 1980

UNEP. *Tourism's the main impact areas; Environmental impacts of tourism. 2002.*

YÁZIGI E. **Civilização Urbana - Planejamento e Turismo**. São Paulo: Contexto, 2003.